

ANO 3 - NÚMERO 33 - JULHO 2017

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10



## AS VOZES DAS RUAS

p. 08

### ARQUEOLOGIA

Antropoceno: uma era que não se justifica

p. 18

### CULTURA

Bezerros: a arte em florescência

p. 26

### UNIVERSO FEMININO

Carolina Maria de Jesus: exemplo de superação pela luta e pela escrita

p. 28



**Movimento  
Solidário**



*As doações para o Lar de Crianças  
Nossa Senhora das Graças em Petrópolis  
têm proporcionado diversas melhorias.*

A cada nova etapa um novo desafio.  
Contamos com você para ser nosso parceiro e  
proporcionar alegria e diversão para quem encara  
a vida como uma eterna brincadeira.

Desafio:  
**Reforma do piso do refeitório.**

Doe e seja um parceiro!

[www.fenae.org.br/movimentosolidario](http://www.fenae.org.br/movimentosolidario)

“ **Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.** ”

José Saramago em "Cadernos de Lanzarote"

## COLABORADORES/COLABORADORAS JULHO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Bárbara Braga Noletto Alves – Estudante de Jornalismo. Cezar Santos – Biólogo. Clemente Ganz Lúcio – Sociólogo. Eduardo Henrique – Fotógrafo da Natureza. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Emir Sader – Sociólogo. Fátima Safadi Carvalho – Pedagoga. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Educadora. Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Laurence Nonô Noletto – Jornalista. Leonardo Boff – Filósofo. Escritor. Lúcia Resende – Educadora. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

ERRAMOS: O nome completo da professora Iêda Leal é Iêda Leal de Souza e não Iêda Leal da Costa, conforme publicamos nas edições 31 e 32, de maio e junho de 2017.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| 1. Jaime Sautchuk       | 7. Graça Fleury        |
| 2. Zezé Weiss           | 8. Jacy Afonso         |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Jair Pedro Ferreira |
| 4. Chico Montenegro     | 10. Neusimar Coelho    |
| 5. Elson Martins        | 11. Ieda Vilas-Bôas    |
| 6. Emir Sader           | 12. Trajano Jardim     |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
 Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. Revisão: Lúcia Resende e Thais Maria Pires. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info – bilíngue – todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

**T**odo ou toda governante, por mais democrático que seja, treme nas bases quando ouve as vozes das ruas. A autoridade pode ser alvo de críticas da mídia e do parlamento, responder a ações na Justiça, que tudo a figura suporta. Mas o clamor das praças e avenidas não, é algo diferente.

Diziam os estudiosos de semiologia e sociologia que grandes mudanças iriam ocorrer com o advento de novas tecnologias, em especial as redes sociais na internet. As pessoas não precisariam mais ir às ruas pra manifestar sentimentos e opiniões. O canal estaria ali, ao alcance de todos, no conforto do escritório ou de suas casas.

Rotundo engano. Pequenos grupos ou hordas de gente ainda veem nas ruas o local mais apropriado a que se façam ouvidas. Será por quê?

O fato é que, desde os primórdios da Humanidade, desde que o ser humano se postou de forma ereta e começou a articular as palavras, existe a vontade de bradar em público.

Este é o tema de capa desta Xapuri número 33. Compartilhamos com vocês, caras leitoras e leitores, nossos achados sobre os porquês desse fenômeno.

Mas não é só isso. Nesta edição mostramos a força da cultura popular no artesanato de Bezerros, interior do Pernambuco. E a escritora, moradora de favela, Carolina Maria de Jesus, que encantou e ainda encanta gerações com seus escritos sobre as desigualdades sociais nas cidades brasileiras.

Indo ao passado, a revista entra na discussão sobre a proposta de criação de uma nova era na escala geológica da Terra. Mas, voltando aos tempos atuais, vemos que a direita tupiniquim é contumaz em golpes de Estado, alguns que fracassam, outros que dão certo, como os de 1964 e de 2016.

Nossos biomas naturais, sítios históricos, lendas e culinária são outros temas que, como de costume, enfeitam nossas páginas e informam com vigor.

Vale a pena viajar por estas páginas.

Boa Leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

A melhor revista que já li, tem matérias ótimas e sempre interage com os seguidores no Instagram. **Leo Daloy** – Manhumirim – Minas Gerais – @leo\_daloy.

Excelente material para profissionais da área e amantes da natureza em geral. **Leonardo Rocha** – Mutuípe – Bahia – @visoesnaturais.

Revista alternativa que visa destacar e apresentar ideias, saberes e visões da rica fauna e flora brasileira. **Luis Fernando da Rocha Pires** – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – @lfernandorp.

Uma revista sobre diversos temas socioambientais, uma das melhores, uma das minhas preferidas. Gosto de como a Xapuri aborda os temas do meio ambiente e, principalmente, da sua diversidade de assuntos. Também amo as fotos e a maneira cuidadosa com que trata seus leitores e seguidores.  
**Ricky Neto** – Camaçari – Bahia – @rickynetohs.



**08** **CAPA**  
As vozes das ruas

**24** **CONSCIÊNCIA NEGRA**  
A violência contra as mulheres e o silêncio do Estado

**16** **BIODIVERSIDADE**  
Favela, faveleira:  
planta medicinal da Caatinga

**28** **UNIVERSO FEMININO**  
Carolina Maria de Jesus:  
exemplo de superação pela  
luta e pela escrita.

**22** **CONJUNTURA**  
A aventura golpista  
da direita brasileira

**34** **ECOTURISMO**  
Libano: um Brasil dentro do  
Vale do Bekaa

## As imagens mais populares da @revistaXapuri

@evan\_dro



@gteles\_ba



@clodoaldo\_am



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

### #revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

**18** **ARQUEOLOGIA**  
Antropoceno:  
uma era que não se justifica

**42** **SAGRADO INDÍGENA**  
O calendário Ashaninka,  
segundo os hábitos dos animais

**26** **CULTURA**  
Bezerros: a arte em  
florescência

**44** **SUSTENTABILIDADE**  
Como poderia ser uma sociedade  
sustentável?

**32** **GASTRONOMIA**  
A história do arroz de puta rica  
e um caboclinho goiano chamado  
João Bênnio

**46** **VIDA ANIMAL**  
Enriquecimento ambiental:  
mais bem-estar para os animais

**38** **MITOS E LENDAS**  
A lenda do minhocão

**47** **SAÚDE**  
Dicas para enfrentar o inverno  
com saúde

**40** **PERFIL**  
Antonio Risério:  
um gladiador da cultura

**48** **URBANIDADE**  
É a mobilidade, estúpido!

**50** **MEMÓRIA**  
Eu sou João Roberto



# AS VOZES DAS RUAS

Jaime Scutchuk

As manifestações de rua têm comprovado, nos últimos anos, que ainda são uma (ou a mais) eficiente forma de expressão da vontade popular. Governantes de todos os patamares, em todo o mundo, quase sempre aliados ao poder econômico, podem temer a mídia e os adversários políticos, mas são as vozes que vêm das praças e avenidas que falam mais alto, provocam calafrios.

No Brasil, a tradição era de que as manifestações de rua tinham algo a ver com o Estado, contra ou a favor, com pautas bem claras de demandas. Bem diferente de países como a França, berço dessa moderna forma de participação política, onde normalmente elas têm um sentido próprio, ignorando o aparelho estatal, com um caráter anarquista, portanto.

No entanto, as multidões que tomaram cidades brasileiras em junho de 2013, usavam o mote do preço das passagens nos transportes públicos e a qualidade desses serviços. Mas, em verdade, pleiteavam muito mais. Algo híbrido, sem proclamar se era de esquerda ou de direita, mas rei-

vindicando mudanças, embora sem propô-las de modo objetivo.

Era impressionante que nenhuma liderança, partido político, entidade sindical ou estudantil podia se arvorar a promotor daquele movimento. A mobilização se deu por meio das redes sociais na Internet, no boca a boca das rodas de amigos, de escolas, de trabalho. Uma mobilização espontânea e pacífica. Vontade de gritar.

Foram dezenas de bandeiras levantadas, tendo como pano de fundo geral, dominante, a defesa da democracia e condenação ao autoritarismo, à ditadura. Uma sensação comum de insatisfação, de mal-estar coletivo, cujo ponto de unificação era o impulso de ir a público dizer alguma coisa que estava encalacrada, travada no peito.

Faixas, camisetas e cartazes, muitos escritos à mão em cartolinas, continham críticas e sentimentos de muitos matizes. Havia referências inclusive ao sistema capitalista, à sociedade de consumo, ao tal "mercado", e ao belicismo no plano internacional, em defesa da paz entre os povos.

Ficava claro em todas as manifestações, contudo, o completo descrédito nos governos, nas instâncias ditas representativas, nos tribunais, partidos políticos, nos próprios políticos e mesmo nas agremiações estudantis e sindicais. Em determinados momentos pareciam até sugerirem a extinção do Estado. Mas tampouco eram explicitamente contrárias ao governo federal.

O governo, por seu lado, interpretou o clamor popular como uma revolta contra as condições de vida nas cidades brasileiras. Por isso, tratou de estimular a implementação da Lei de Mobilidade Urbana, aprovada um ano antes pelo Congresso Nacional, sob pressão popular, e sancionada pela presidente Dilma Rousseff, como veremos mais adiante.

Tempos depois, todavia, uma parte daqueles manifestantes retornou às ruas, mas agora de modo ideologizado, pregando a queda da presidente da República. Atendiam ao chamamento da grande mídia, com a Rede

Globo na linha de frente, que via naquela conjuntura o momento histórico tão esperado pelas elites reacionárias de tomar de volta as rédeas do poder da República.

Viam por certo a possibilidade de dar àquele movimento golpista uma aparência de legalidade, como se cada manifestante representasse um voto na urna. Ainda que em completo desacordo com a legislação eleitoral estabelecida pela Constituição de 1988, tentavam dar a esse turbilhão social um caráter de plebiscito.

Outra parte daqueles manifestantes de junho também voltou às ruas, só que em defesa do governo estabelecido, pregando a preservação da ordem constitucional. Estes, diferentemente daqueles outros, ostentavam uma postura claramente de esquerda. Embora com uma proposta clara, também neste caso a simbologia das faixas, cartazes e vestimentas espalhava recados diversos.

Haviam mudado considera-

velmente as formas de mobilização, ou chamamento, com sinais de que também as ruas podem ser manipuladas. É o que fica claro ao se analisar o papel da grande mídia naquele processo. Porém, em outras ocasiões, as redes sociais da Internet têm-se mostrado eficientes no chamamento de público a atos de rua, alguns dos quais contra a própria grande mídia.

Esses foram eventos em que as manifestações de rua se fizeram presentes de modo marcantes. A história no Brasil, contudo, é repleta de outros momentos em que elas ocorreram de modo também contundente, influenciando nos rumos dos acontecimentos. E se repetem no mundo inteiro, em maior ou menor escala, o que nos desperta a curiosidade de saber o que são, enfim, as vozes das ruas.

## MOBILIDADE URBANA

Como resposta às vozes das ruas, ainda em junho de 2013, no dia 25, a presidente Dilma

Rousseff reuniu o Conselho Nacional das Cidades, mais entidades da sociedade civil, e propôs a formulação do Pacto Nacional pela Mobilidade Urbana. Um mês e meio depois, foi aprovado um documento com propostas de diretrizes e objetivos de funcionamento desse instrumento.

Num primeiro momento, o principal objetivo do Pacto era alertar os prefeitos quanto à implementação da Lei de Mobilidade Urbana, que é fruto de décadas de debates e de estudos técnicos de excelente qualidade. Ela determina, por exemplo, que as cidades com mais de 20 mil habitantes tenham seus planos de mobilidade.

Em caráter de urgência, porém, como o estopim do terremoto foi a tarifa de transportes públicos, em todo o país, desde o início das manifestações ocorreram 90 reduções tarifárias, sendo 15 em capitais, 9 em regiões metropolitanas e 66 em pequenas e médias cidades. A redução média foi de 5%, em plano nacional. Parecia, então, que os ânimos haviam serenado.

Vale lembrar que, com a política de redução do tamanho do Estado, na década de 1990, foram extintos os órgãos federais encarregados do planejamento e financiamento dos transportes públicos. Assim, foram dissolvidos, por exemplo, o Grupo de Estudos para Integração da Política de Transportes (Geipot) e a Empresa Brasileira de Transporte Urbano (EBTU).

Deste modo, as ações governamentais relativas à mobilidade urbana passaram para os estados e municípios. As prefeituras, que estão mais próximas do dia a dia do sistema de transporte público, ficaram com a responsabilidade de colocar em prática essas políticas.

Hoje, as tarifas são fixadas em cada cidade ou região metropolitana de modo autônomo.

Em cidades de médio e pequeno portes, na realidade, são as empresas concessionárias do serviço que montam as planilhas de custos que são adotadas. As prefeituras apenas dizem amém.

É inegável que esse enfoque tem razão de ser, mas é de igual modo inquestionável que aquilo que muitas vezes apontamos como “problema do transporte” não é um problema somente do transporte. É das cidades inteiras e das regiões metropolitanas.

De qualquer modo, a história demonstrou que as manifestações de 2013 não eram apenas por causa das tarifas do transporte coletivo.

## HISTÓRIA

Desde os primórdios da Humanidade, o povo se rebelou contra situações desagradáveis. Mas, pode-se dizer que as manifestações modernas, de hordas de gente em áreas públicas e privadas das cidades e mesmo das zonas rurais, pra expor opiniões de modo pacífico, surgiram com o advento do modo de produção capitalista.

Faraós egípcios, imperadores romanos, religiosos satânicos da Idade Média ou mesmo povos latino-americanos, como os astecas e incas, todos enfrentaram revoltas populares de diversos formatos. A resposta dos detentores do poder, em muitos casos, era a execução sumária dos revoltosos que fossem apanhados.

Os eventos ocorridos durante a Revolução Francesa (1789-1799) são considerados precursores das manifestações modernas. Foi uma década de manifestações que puseram abaixo o poderio das velhas oligarquias, com seus hábitos, crenças e costumes.

No entanto, o formato de manifestação surgido nas fábricas da Inglaterra e outros países centrais do mundo capitalista,

ainda no século XIX, é que deu origem ao modelo usado atualmente. Foram as primeiras sem participação das forças armadas e sem caráter belicista, em que eram apresentadas reivindicações e opiniões.

No Brasil, são conhecidas as rebeliões mais antigas, de escravos negros, que no mais das vezes se resumiam a fugas coletivas dos locais onde eram submetidos ao trabalho forçado. E do indígena, que encontrava formas de se rebelar contra a ação ou a simples presença do colonizador.

Muitas vezes, as fugas de escravos eram precedidas de algum conflito, e o resultado mais imediato era a formação de quilombos (comunidades isoladas) de todos os tamanhos, pequenos ou grandiosos, como o de Palmares, em Alagoas. Num sentido ampliado, essas manifestações ganharam apoios de intelectuais e da população em geral, até o fim do regime escravista.

São incontáveis, também, as revoltas populares que geraram prolongadas guerras no século XIX e início do XX, como Canudos, na Bahia, Contestado, em Santa Catarina, ou a Balaiada, no Maranhão. Todas refletiam a insatisfação quanto a condições de trabalho e direito ao uso da terra, a situações de flagrantes injustiças em zonas rurais, enfim.

Nas cidades brasileiras, houve alguma movimentação nas ruas, por exemplo, na Independência (1822) e na Proclamação da República (1889), contra e a favor. Mas as primeiras grandes manifestações de que se tem registro no Brasil foram na chamada Revolta da Vacina, em 1904, no Rio de Janeiro, então capital do país.

Eram levantes contra a vacinação obrigatória, instituída por Oswaldo Cruz, mas, com a participação de militares, acabaram



Foto: <https://crbnaditadurafiles.wordpress.com/2014/10/48380015.jpg>



virando uma tentativa de derubada do presidente Rodrigues Alves. As lideranças revoltosas foram presas e o movimento foi sufocado com violência.

Desde 1903, contudo, trabalhadores levaram a locais públicos as reuniões que debatiam e reivindicavam a redução da jornada de trabalho. Reproduziam aqui o evento de 1886, em Chicago, nos Estados Unidos, que deu origem à data de 1º de maio como Dia do Trabalho. Mas a jornada canarina de 8 horas diárias só foi conquistada em definitivo, de modo abrangente, após a Revolução de 1930, no primeiro governo de Getúlio Vargas.

Em tempos recentes, foram marcantes as manifestações que precederam o golpe de estado de 1964, que derrubou o presidente João Goulart e deu origem à ditadura militar. Na ocasião, foram muitos os eventos de apoio ao governo, em todo o país. Mas a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em vários locais, ganhou grande destaque na mídia e pedia a sua queda.

A maior delas foi dia 19 de março, às vésperas do golpe, em São Paulo, reunindo mais de 300 mil pessoas.

Durante a ditadura, a Passeata dos Cem Mil, no Rio, em junho de 1968, foi outro momento marcante da história recente do Brasil. Um protesto estudantil contra o aumento do preço das refeições, em março daquele ano, resultou no assassinato do secundarista Edson Luís de Lima Souto, de 18 anos, pelo comandante da tropa da Polícia Militar que havia invadido o restaurante "Calabouço", da Universidade Federal, onde se dava o ato.

O fato comoveu o país e um movimento ganhou as ruas da cidade, com a realização de culto religioso no enterro do jovem. Com apoio de artistas, intelectuais, sindicalistas e público em geral, vários protestos foram realizados em diferentes pontos da cidade, com a morte de mais três estudantes e prisão de centenas deles.

O processo culminou com a manifestação do dia 26 de ju-

nho, quando 100 mil pessoas participaram da passeata que percorreu o centro da cidade até a sede da Assembleia Legislativa do Estado. A polícia apenas acompanhou e, meses depois, o governo editou o Ato Institucional nº 5, que fechou o Congresso Nacional e dava plenos poderes ao presidente da República.

Pouco antes do fim da ditadura, em 1984, teve início uma série de manifestações pelas Diretas Já, pregando o fim do regime e a convocação imediata de eleições gerais. Milhões de pessoas foram às ruas nas capitais e cidades do interior, em atos gigantescos. Em abril, um comício no Rio reuniu 1 milhão de pessoas e outro, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, teve um público de 1,5 milhão.

Esse movimento unificou os brasileiros e apressou o fim do regime ditatorial, embora retardado pelo Congresso Nacional, que elegeu presidente Tancredo Neves, de forma indireta. Porém, ele faleceu antes de assumir, de modo que o cargo foi ocupa-

do pelo seu vice, o maranhense José Sarney, que havia sido um braço civil dos militares.

É digna de registro, de igual modo, a Marcha dos Sem-Terra a Brasília, em abril de 1997. Partindo dos mais remotos rincões do país, de norte a sul, mais de 100 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais formaram extensas colunas em caminhada que durou semanas, até chegarem à capital federal. Lá, realizaram grande manifestação, pleiteando a reforma agrária.

## MUNDO AFORA

No mundo inteiro, as manifestações de rua têm assumido papel importante nas vidas nacionais, muitas vezes ocorrendo quase que simultaneamente, em diferentes países. Embora tendo pontos em comum, no entanto, cada uma delas tem suas pautas próprias, específicas, que as tornam diferentes entre si.

Não se pode dizer, portanto, que haja um movimento global, unificado, como constata o filósofo esloveno Slavo Žizek, em artigo publicado no livro-coletânea "Cidades Rebeldes"<sup>1</sup>. Ele escreveu:

"O que une esses protestos é o fato de que nenhum deles pode ser reduzido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação específica de (pelo menos) duas questões: uma econômica, de maior ou menos radicalidade, outra político-ideológica, que inclui desde demandas pela democracia até exigências para a superação da democracia multipartidária usual."

Na França, vem ocorrendo nos últimos anos um suceder de manifestações dos mais variados matizes, de campanhas eleitorais a questões localizadas, que afetam a qualidade de vida. Parecem reacender o histórico movimento de 1968, que





influenciou o mundo inteiro.

Na ocasião, problemas internos em uma universidade do interior acabaram envolvendo os estudantes do país inteiro e multidões heterogêneas, pedindo mudanças. O então presidente, general Charles de Gaulle, se considerou atingido e convocou eleições, largando o poder.

Manifestações de diversas modalidades continuam a ocorrer na França, Espanha e vários países europeus ocidentais. Mas, ocorrem também no Leste Europeu, especialmente na Rússia, cada uma com suas próprias agendas, mas em geral pregando a implantação ou ampliação dos direitos democráticos.

Com as mudanças radicais ocorridas na Tunísia, Argélia e Egito, promovidas por manifestações populares, a partir de 2010 surgiu o movimento denominado Primavera Árabe. O sentimento de revolta tomou todo o Oriente Médio e países do norte da África onde o islamismo é forte e provocou mudanças em maior ou menor escala.

Na Tunísia, dez dias de manifestações puseram pra correr o ditador Abidine Ben Ali, que estava no poder havia 24 anos e se refugiou na Arábia Saudita. O movimento culminou com a eleição de uma assembleia constituinte e a implantação de um regime democrático no país. Tudo começou com a autoimolação de um jovem, cujo gesto foi difundido pelas redes sociais da internet, com chamamento do povo às ruas.

A notícia correu e no Egito teve efeito imediato. Da mesma forma, multidões foram às ruas em manifestações contra a ditadura de Hosni Mubarak, que se mantinha no poder por 30 anos. Fatos semelhantes ocorreram, no mesmo início de 2011, na Argélia, Iêmen e Jordânia, espalhando revolta por toda a região, e resurgem com frequência.

Na Ásia, há levantes populares também em muitos países. No Afeganistão, há mais de uma década vêm ocorrendo manifestações de grande vulto, tendo como motivação a presença de tropas dos Estados Unidos na região. Em Hong Kong, na China, e vários outros países têm ocorrido manifestações nos últimos anos. Inclusive no Japão, onde o padrão de comportamento é mais recatado.

Na América do Norte, o Canadá também vem experimentando eventos de rua desde 2012, quando ocorreram várias manifestações estudantis contrárias a aumentos nas mensalidades escolares. Nos Estados Unidos, especialmente após a eleição do presidente Donald Trump, em 2016, voltaram a proliferar manifestações.

Na América Latina, grandes eventos de rua têm ocorrido no México e na Colômbia, mas o destaque maior na mídia mundial fica com a Venezuela. Ali, por anos a fio é nas ruas que se manifestam as opiniões contrárias e a favor do governo nacional, mantendo uma tradição daquele país.

## A LINGUAGEM

Em Muitas manifestações de rua, algumas inscrições em faixas e cartazes nos levam a indagar se alguém que não aprendeu a nossa língua tem o direito de reclamar ou de reivindicar alguma coisa. Tem, é claro, mas que coloca em descrédito seu pleito, por certo coloca.

Isso, em manifestações de todos os tamanhos e tipos, e as inscrições incorretas tampouco são privilégios de gente mais humilde, como muitos poderiam supor. Os absurdos ortográficos chamam a atenção em mãos de pessoas bem vestidas, que seriam chamadas de "coxinhas", ou em automóveis sofisticados,

de gente que ostenta boa situação financeira.

Mas a agressão ao vernáculo não se restringe à maneira de escrever. O emprego das palavras revela o empobrecimento da linguagem, uma imprecisão no que se pretende dizer. Quanto a esse aspecto, o jornalista Sérgio Rodrigues, que mantém uma coluna no jornal Folha de S. Paulo sobre o assunto, escreveu dia desses:

"Nosso brejo semântico apinhado de vaquinhas amplia seu rebanho toda vez que um liberal é chamado de 'fascista' e um populista de centro-esquerda, de 'comunista', (...) enquanto a turma que suspira por 'intervenção militar' evita chamar seu objeto de desejo pelo nome inescapável de golpe."

## MEDIDA DE PÚBLICO

Mensurar quantidade de gente num determinado espaço público tem uma técnica, que deveria ser usada pelos veículos de comunicação. Mas, em manifestações, a Globo e outras emissoras se resumem a dizer "segundo os organizadores" ou "de acordo com a Polícia Militar" havia tantas pessoas. Institutos de pesquisas que faziam essas medições pararam de fazer.

Desde muito jovem, como repórter, eu aprendi a medir no olho (pelas dimensões de ruas, prédios e praças) ou contando os passos em determinada área. Em massa compacta, são 5 pessoas por m<sup>2</sup> e por aí vai.

Hoje, com a tecnologia disponível, é possível definir espaços sem o menor sacrifício, mas nossos comunicadores nunca dizem "segundo nossa equipe técnica" ou coisa parecida. Deve ser preguiça, má vontade ou conveniência, sabe-se lá!

Em muitos casos, eles sequer estimam quantas pessoas havia, o que dá margem a distorções.

Às vezes, meia dúzia de gatos pingados vira "manifestação", por conveniência, mesmo que as imagens desmintam a notícia. Ou, então, são enganados pelo cenário: 10 mil pessoas na Praça Castro Alves, em Salvador (BA), é muita gente; já o mesmo público na Esplanada dos Ministérios (DF) parece um pequeno ajuntamento.

## INTERESSE ACADÊMICO

É enorme a diversidade de manifestações públicas ocorridas no Brasil, nas cidades e no campo, desde o início do processo de redemocratização do país, em 1985. Mesmo assim, são poucos os estudos científicos sobre o tema, num sentido mais amplo, numa perspectiva histórica, sociológica ou antropológica.

São tão escassos que o fato chama a atenção dos próprios meios acadêmicos, a ponto de serem comuns críticas à inexistência de um campo específico de estudos na área de Ciências Sociais. Não são usuais nas universidades tupiniquins disciplinas, muito menos cursos, com os nomes de "Movimentos Sociais", "Manifestações de Rua" ou coisa que o valha.

Após a efervescência de 2013, surgiram muitos artigos em revistas, em páginas na Internet e mesmo livros inteiros tratando do assunto, é bem verdade. Mas, em geral, o fazem de modo localizado, interpretando aqueles movimentos em si, sem procurar explicar porque as pessoas deixam o recanto onde vivem pra ir a espaços públicos manifestar suas opiniões.

<sup>1</sup> *Cidades Rebeldes – passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil* – Editora Boitempo – São Paulo (SP) – 2013.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# FAVELA, FAVELEIRA: PLANTA MEDICINAL DA CAATINGA



Fotos: Eduardo Henrique

Eduardo Henrique

A faveleira (*Cnidoscolus quer-cifolius* Pohl) também possui outros nomes populares, dependendo da região onde é encontrada. Em alguns lugares dos estados da Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí, é conhecida como favela, favela-de-cachorro ou favela-de-galinha. Essa espécie pertence à família botânica *Euphorbiaceae*, é endêmica do domínio fitogeográfico Caatinga, sendo comum encontrá-la em afloramentos rochosos e locais de solos rasos.

Sua altura varia de acordo com a idade da planta, tipo e profundidade de solo, profundidade do lençol freático e frequência de chuvas na região; porém, já foram observadas variações de 2 a 12 metros. Uma das principais características dessa espécie são os tricomas urticantes presentes nas suas folhas, que, ao serem tocados, causam uma breve coceira e ardor.

No Semiárido brasileiro, é difícil encontrar alguém que não conheça a faveleira e que não lembre essa planta como tendo feito parte de algum momento de sua vida. Seus frutos são muito utilizados por crianças na zona rural como brinquedo, por exemplo, colocando-se um palito de madeira no fruto seco e fazendo-o girar como um pião. Além disso, suas sementes são utilizadas como alimento por diversas aves, e também na alimentação humana, *in natura* ou como farinha para misturar com outros alimentos.

É importante ressaltar que quando existem dificuldades de acessar os serviços de saúde, devido na maioria das vezes à distância dos centros urbanos, uma das alternativas é o uso de plantas medicinais. A faveleira, por sua vez, é bastante utilizada na cicatrização de ferimentos, tanto em pessoas como em animais.

Por exemplo, as raspas extraídas da casca dessa planta são aplicadas no tratamento de miíases, que são ferimentos com larvas de moscas, principalmente em caprinos e ovinos.

Pesquisas recentes demonstram diversos potenciais para a faveleira: utilização do óleo da semente na produção de biocombustíveis, extratos para usos medicinais, e ainda utilização da própria planta para a recuperação de áreas degradadas, pois apresenta características de espécie primária na sucessão ecológica e possui afinidade com ampla diversidade de pássaros que se alimentam das suas sementes.



**Eduardo Henrique**  
Técnico em Agropecuária.  
Estudante de Agronomia.  
Fotógrafo da Natureza.



**Sim**

- ✓ À VALORIZAÇÃO E UNIDADE DO TRABALHADOR DE TI
- ✓ REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO

**Não**

- ✗ A REFORMA DA PREVIDÊNCIA
- ✗ REFORMA TRABALHISTA
- ✗ PRECARIZAÇÃO DA TERCEIRIZAÇÃO

## SINDPD-DF EM CAMPANHA SALARIAL PELA VALORIZAÇÃO DO TRABALHADOR DE TI.

[www.SINDPD-DF.org.br](http://www.SINDPD-DF.org.br)



**SINDPD-DF**

Filiado à CUT e à FENADADOS

# ANTROPOCENO: UMA ERA QUE NÃO SE JUSTIFICA

Altair Sales Barbosa



De um tempo para cá, a partir da aurora do século XXI, algumas pessoas que discutem as questões ambientais iniciaram um movimento para incluir mais uma época na escala geológica, denominada de Antropoceno. Ela ocuparia o local após o Holoceno e serviria para caracterizar as modificações que o ser humano vem causando no planeta Terra, principalmente a partir da revolução industrial, modificações essas que ninguém contesta.

Todavia, qualquer modificação de ordem cosmológica, atmosférica ou geológica, provoca alterações de magnitudes muito mais

amplas que todas as causadas pelo homem em toda a sua breve história no planeta. Por exemplo, uma erupção vulcânica de porte médio é capaz de lançar na atmosfera mais quantidade de CO<sub>2</sub> que toda a queima de combustível fóssil já executada pelo homem.

O deslocamento de placas tectônicas provoca terremotos, superiores às escalas de magnitude 8, causando transformações indescritíveis e, nos últimos anos, ilhas novas têm aparecido nos oceanos, sem a interferência humana, da mesma forma nos deltas dos rios, como consequência do transporte de sedimentos.

Regimes climáticos diferenciados aparecem ciclicamente, causando imensos transtornos na superfície da Terra, como consequência da ação de El Niño, La Niña, e outras alterações oriundas das correntes de convecção que circulam no manto da Terra, por debaixo da crosta, onde não existe a mínima possibilidade de intervenção humana.

Essa rápida introdução é simplesmente para ilustrar que a inclusão de uma nova época baseada nas modificações causadas pelo homem, não tem sentido dentro de uma ampla escala geológica de temporalidade dos fenômenos,

porque os parâmetros são diferenciados.

## ERAS E ÉPOCAS DO PLANETA TERRA

A escala do tempo geológico resulta das pesquisas intensificadas a partir do século XIX. Durante várias décadas, os geólogos reuniram informações fragmentadas de numerosas exposições de rochas e construíram uma cronologia sequencial das mudanças da biota da Terra através dos tempos. Com a descoberta da radioatividade, em 1895, e o desenvolvimento de várias técnicas de datação radiométrica, os pesquisadores puderam construir uma escala geológica mais precisa, a partir da atribuição de idades absolutas.

A bússola que orienta esse raciocínio é o princípio do uniformitarismo, baseado na premissa de que os processos atuais têm-se operado através do tempo geológico, o que não exclui acontecimentos súbitos ou catastróficos – deslocamento das placas tectônicas, terremotos, tsunamis, vulcões, deslizamentos, inundações, mas mostra que, para entender os acontecimentos passados, é preciso entender os processos atuais e seus resultados.

O uniformitarismo explicita que as velocidades e intensidades dos acontecimentos não obedecem a padrões temporais regulares, mas mesmo assim, as leis físicas e químicas da natureza têm permanecido as mesmas. A Terra é um planeta mutante e as forças que modelaram o passado são as mesmas que operam hoje. Os estudiosos dividiram esse livro da formação da Terra em grandes capítulos, aos quais deram o nome de Eras, que se subdividem em Períodos, que por sua vez se subdividem em Épocas.

O primeiro grande capítulo dessa história, a Era Pré-Cambriana, iniciou-se por volta de 4 bilhões e 600 milhões de anos e se divide em dois períodos: o Arqueozoico, que dura até 3 bilhões e 500 milhões de anos e é seguido pelo Proterozoico, que vem até 600 milhões de anos,

quando uma explosão de vida invertebrada, incluindo os trilobitas, se multiplica nos mares da Terra. Nesse período começa a se formar o grande continente da Pangeia. A partir de 600 milhões de anos surge a Era do Paleozoico, que se divide nos períodos Cambriano, Ordoviciano, Siluriano, Devoniano, Carbonífero e Permiano.

O Período Permiano, caracterizado pelo aparecimento dos répteis primitivos e pela formação da camada de Ozônio na atmosfera terrestre, é o mais recente dentro da Era do Paleozoico, marcada pela fragmentação lenta do supercontinente Pangeia em dois grandes blocos, um ao norte de onde hoje se situa a linha do Equador, o Laurásia, e outro ao sul, o Gondwana.

O Período Permiano termina por volta de 220 milhões de anos, quando se inicia a Era do Mesozoico, caracterizada pelo extraordinário desenvolvimento da vida terrestre, principalmente dos répteis, e se divide nos períodos Triássico, Jurássico, e Cretáceo, que por sua vez termina por volta de 65 milhões de anos, e se caracteriza na sua fase inferior pelas fragmentações da Laurásia e da Gondwana, e culmina, na sua fase superior, com a cisão entre América do Sul e África, na formação do Atlântico Sul e no aparecimento da cadeia Meso-Oceânica. E foi no Cretáceo que se deu a extinção dos grandes répteis.



Após o Cretáceo, inicia-se o último capítulo da história geológica da Terra, a Era do Cenozoico, ou Cenozoica, que se caracteriza pela grande dispersão e diversificação dos mamíferos, oriundos da evolução de certas espécies de répteis, e que se divide em dois grandes períodos. O Terciário, marcado por vários movimentos tectônicos e epirogenéticos, engloba várias Épocas, a do Paleoceno, seguida da Eoceno, Oligoceno, Mioceno e a Época do Plioceno, que termina há cerca de 2 milhões de anos, quando se inicia o Período Quaternário, com suas duas épocas, Pleistoceno e Holoceno.

O Pleistoceno dura de 2 milhões de anos até 11 mil anos. É marcado por grandes eventos glaciais no Hemisfério Norte, pelo aparecimento do gênero Homo e por grandes mudanças climáticas e fisionômicas que afetaram os continentes. O final do período glacial, há 11 mil anos, marca o início do Holoceno, época geológica que vivemos atualmente.

## PRESENÇA DO SER HUMANO NA TERRA

A história humana na Terra é bem diferente, porque se trata de um ser muito novo na escala evolutiva da vida, e engloba dois capítulos: Pré-história e História. A Pré-História inicia-se com o aparecimento do gênero Homo e se subdivide em capítulos menores: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico.



O Paleolítico se subdivide em capítulos ainda menores, caracterizados por tipos de humanoides e pelas técnicas de lascamento de pedras. O Paleolítico Inferior, que se inicia por volta de 2 milhões de anos e termina por volta de 800 mil anos, é caracterizado pela presença e domínio do *Homo-habilis*.

Em seguida vem o Paleolítico Médio, situado entre 800 mil a 150 mil anos Antes do Presente (A.P.), caracterizado essencialmente pela presença marcante e irradiação do *Homo-erectus*. Depois vem o Paleolítico Superior, onde existe a ocorrência do *Homo-sapiens* primitivo até 40 mil anos, quando surge, após esta data, o *Homo-sapiens-sapiens*.

A partir de 10 mil anos, em decorrência das mudanças climáticas provocadas pelo final da glaciação, o *Homo-sapiens-sapiens* introduz mudanças nos hábitos e comportamentos do *Homo-sapiens-sapiens* do Paleolítico Superior. O homem passa a ser um grande consumidor de moluscos, formando grandes amontoados de conchas conhecidos como sambaquis. Esse período da Pré-história, o Mesolítico, dura de 10 mil a 8 mil anos Antes do Presente.

Depois vem o Neolítico, e o homem começa a domesticar os vegetais, dando origem a uma grande transformação no modo de viver

dos que optam por esse caminho, ou que tenham oportunidade de descobrir, aprender e utilizar essa tecnologia. Surgem os pequenos campos de cultivos e as aldeias.

Após o Neolítico, as inovações tecnológicas e as grandes transformações sociais foram muito aceleradas. Vieram a domesticação dos animais, a utilização dos metais fundidos, a invenção da escrita, e a humanidade entra no seu Período Histórico, que alguns dividem em Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Mas esse raciocínio linear só se aplica à parcela da humanidade que modelou o mundo ocidental, o que não significa que comunidades humanas que, por oportunidades ou opções, escolheram modos de vida menos complexos, sejam inferiores.

Com a evolução cultural, o homem se organizou em grupos sociais que têm gerado problemas demográficos, de saúde, de educação, institucionais. A evolução cultural agregou ao fluxo básico de energia, de informação e de circulação de matéria, o fluxo do dinheiro como resultado dos intercâmbios e das transações, gerando assim uma série de variáveis econômicas relacionadas com produção, capital, trabalho, comércio, indústria, consumo, planificação de inversões, maxi-

mização de ganho, transferências de tecnologias.

A utilização das diversas tecnologias originou manufaturas variadas, artesanato, instrumentos, maquinários, e deu origem a uma grande quantidade de ecossistemas artificiais, cidades, metrópoles, megalópoles, campos de cultivo, áreas de pastoreio, pastagens artificiais, represas, canais de regadio, rodovias, vias férreas, aeroportos, grandes usinas, complexos atômicos. Embora seja um elemento muito frágil em relação à Terra, o homem tem sido o principal responsável pelo enorme prejuízo causado a outros seres vivos.

É evidente que o homem danificou inúmeros ambientes e alguns ecossistemas da Terra de maneira irreversível, mas nada disso justifica a criação de uma nova época geológica, porque os parâmetros utilizados para essas avaliações se baseiam na escala temporal da vida humana e sempre raciocinando como se o homem fosse o centro de todo processo, sem levar em consideração o princípio de autorregulação da Terra.

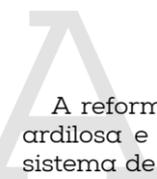
Os defensores da criação da Era Antropoceno argumentam que o marco de seu início poderia se situar na Revolução Industrial. Na realidade, o que mais caracteriza a sociedade moderna, assim como o grande paradigma da contemporaneidade, é a dicotomia Homem-Natureza, ou seja, a desnaturalização do ser humano. Mas a desnaturalização do homem tem sido impulsionada por causas mais antigas e mais fortes que as produzidas pela Revolução Industrial. Uma dessas é o aparecimento da religião monoteísta, porque com o monoteísmo nasce a noção do indivíduo com poderes para dialogar diretamente com a divindade, separando, assim, o eu do corpo e criando a noção de natureza humana e natureza externa. A partir daí, o homem se julga superior a todos os seres naturais.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia.  
Pesquisador do CNPQ

## DESMONTE TRABALHISTA QUER ENFRAQUECER OS SINDICATOS

Clemente Ganz Lúcio



A reforma trabalhista é a mais arduosa e profunda mudança no sistema de relações de trabalho já realizada no Brasil, por oferecer às empresas amplo poder para submeter e subordinar os trabalhadores, ajustar o custo do trabalho às condições dos ciclos econômicos e nivelar os salários pelos ditames da concorrência internacional. Entre outros objetivos, a reforma pretende o esfacelamento dos sindicatos como instituição de proteção do interesse coletivo dos trabalhadores.

Nunca é demais recordar que, ao longo da história, os trabalhadores travaram uma árdua luta para legitimar o sindicato como escudo, diante da desigualdade na relação com o empregador. Quando o trabalhador se une ao sindicato, ele se fortalece, pois dá à instituição poder efetivo para defendê-lo do facção da demissão e da submissão à empresa; para negociar por ele; para ajudá-lo a resolver os problemas do trabalho etc.

Para acabar com essa proteção, primeiramente, a reforma preten-

de dar ao trabalhador, individualmente, o poder de negociar diretamente com a empresa condições de trabalho, contrato, jornada e salário, sem interferência sindical.

Outro artifício a ser implementado são as comissões de representação dos trabalhadores em empresas com mais de 200 empregados, cuja finalidade será a de cumprir funções que hoje são dos sindicatos. Os sindicatos e muitos dos que estudam o mundo do trabalho conhecem bem o funcionamento desse tipo de comissão, que representa, na realidade, os interesses dos patrões.

O terceiro recurso é acabar com o financiamento sindical compulsório (imposto sindical) e, intencionalmente, manter os efeitos das convenções e acordos coletivos firmados pelos sindicatos para todos. A experiência internacional indica que quando o financiamento é voluntário, os efeitos dos acordos e convenções devem ser exclusivos àqueles que para isso contribuíram, ou seja, os filiados

aos sindicatos, de modo a criar mecanismos que incentivem a sindicalização.

Em qual sistema de relações de trabalho apostam legisladores e empresários com essas iniciativas? Eles querem um sistema que subordine e submeta os trabalhadores aos ditames das empresas.

Os trabalhadores terão de se preparar para uma luta dura e de longa duração, em um cenário no qual avançará a precarização, em múltiplas formas, com altas taxas de desemprego e uma economia que, andando de lado, ampliará as desigualdades. Será preciso criar capacidade para resistir e acumular energia para o contra-ataque. Para isso, o caminho será promover uma profunda reorganização sindical, enraizando a estrutura na base e trabalhando com novos conceitos de unidade e cooperação sindical.



**Clemente Ganz Lúcio**  
Sociólogo, Diretor Técnico do Dieese.

## A AVENTURA GOLPISTA DA DIREITA BRASILEIRA

Emir Sader



O golpe de 2016 não é um ponto fora da curva na história da direita brasileira. A direita brasileira nunca foi democrática. Desde 1930, quando perdeu o controle do Estado, ela se jogou em muitas aventuras golpistas, tentando recuperar o governo, contra a maioria dos brasileiros.

O golpe de 1932 – que até hoje a direita chama de “revolução”, quando era uma tentativa de contrarrevolução – foi uma aventura para retornar ao sistema político em que as oligarquias controlavam tudo e não cediam nenhum direito ao povo. Voltar à economia primário-exportadora, que tinha levado o país à pior crise da sua história. Voltar ao império de governantes como Washington Luis,

para quem “a questão social é questão de polícia”.

Tentaram o golpe em nome da “democracia”, como sempre, mas seu objetivo era o mais retrógrado possível, a restauração do regime de maior exclusão social e o menos democrático possível.

Foi uma aventura militar golpista, que mobilizou as elites e a classe média de São Paulo, liderada pela família Mesquita, até que foi derrotada pelas forças do Getúlio, apoiada pelos setores que começavam a ser beneficiados pela nova política econômica e social. Até hoje a direita chora aquela derrota, que era apenas o prenúncio de tantas outras posteriores.

Desde que o Getúlio voltou à presidência, a direita delegou aos

militares a tarefa de solapar o poder legitimamente eleito. Sempre em nome da defesa da “democracia”, que estaria em perigo, segundo a Doutrina de Segurança Nacional – ideologia da direita na época da “guerra fria” –, foram tentados vários golpes, contra o Getúlio, contra o JK e contra o Jango.

Antes dele dar certo, em 1964, houve uma outra aventura direitista, com Jânio Quadros, que foi a forma de desbancar a coalizão getulista. Embora pela vida eleitoral, não deixou de ser uma aventura, como o próprio destino prematuro do Jânio confirmou.

O golpe de 1964 foi um assalto ao Estado por parte das FFAA, para desalojar um governo democrático e impor um governo mili-

tar, que promoveu as políticas do grande capital nacional e internacional, alinhado às políticas dos EUA. Foi o governo mais brutal na sua sanha antipopular e antidemocrática, que uniu a toda a direita e a todo o grande empresariado.

A direita voltou ao governo com os governos neoliberais de Fernando Collor e de FHC. Foram vitórias eleitorais, mas não deixaram de ser aventuras, pelo que representaram de dilapidação do patrimônio público, de exclusão dos direitos da massa da população, de concentração de renda, de rebaixamento da imagem externa do país. Deixaram um país menor, mais injusto, com mais estagnação econômica, com um Estado pequeno, com uma projeção internacional ínfima.

A direita voltou a perder o controle do Estado com sua derrota eleitoral de 2002 e viu se confirmar essa situação nas sucessivas derrotas de 2006, 2010 e 2014. O golpe de 2016 foi uma nova aventura, em que o objetivo era tirar o PT do governo e restaurar o modelo neoliberal.

Uma nova aventura, em primeiro lugar porque teve que romper com a vontade popular, expressa democraticamente na reeleição da Dilma, além de impor um modelo não apenas rejeitado quatro vezes nas urnas, como fracassado aqui mesmo e esgotado em todos os lugares. Submete o país a essa aventura, porque não dispõe de outro projeto que não o da adequação ao neoliberalismo, ao capital financeiro e à globalização.

Para isso, destroem a estrutura produtiva da economia, a infraestrutura, a capacidade de pesquisa, a educação e a saúde públicas, o próprio Estado, para favorecer a centralidade do mercado e sua vértebra – a especulação financeira. É uma nova aventura, que submete o país a um retrocesso nunca vivido anteriormente, em tão curto espaço de tempo.

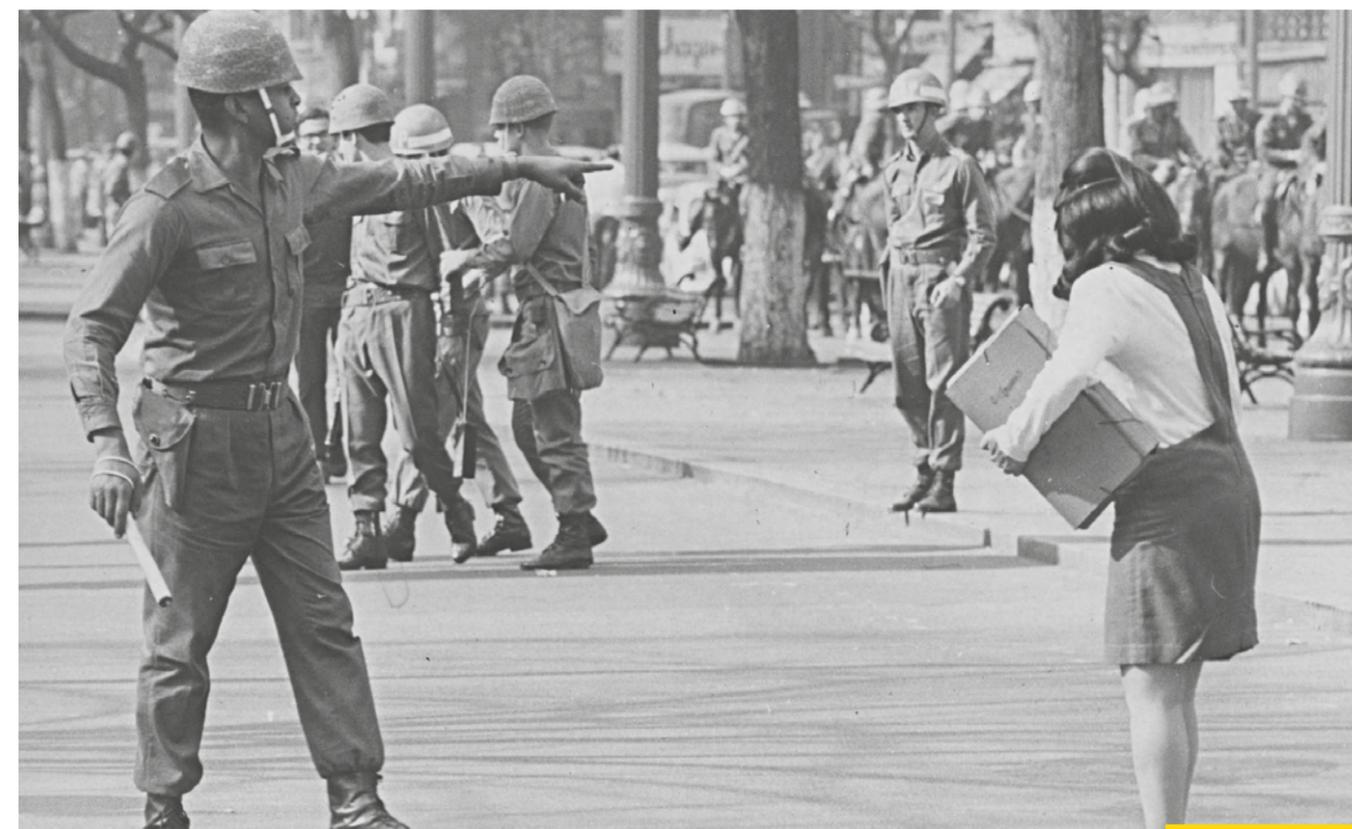
E tratam de destruir todas as lideranças políticas com apoio popular, para que governe o mercado, através de algum personagem pífilo, que não moleste os interesses

do capital financeiro. Confessam assim que já não têm nada a propor positivamente ao país – salvo sua destruição como nação – e nenhuma liderança política que os represente. Tem que se representar através do poder do capital financeiro, das manipulações midiáticas e dos atropelos do Judiciário.

A direita fracassou e representa os interesses da ínfima minoria que vive de renda, da sonegação, dos subsídios governamentais, da fuga de capitais, da recessão, do desemprego, da paralisação produtiva do país, da liquidação da legitimidade as instituições. Se jogou numa nova aventura, da qual não sabe como sair. Enquanto isso, destrói o que o país tem de melhor, de mais democrático, de mais representativo, de mais legítimo.



**Emir Sader**  
Sociólogo  
Autor do livro “O Brasil que queremos.”



# A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E O SILÊNCIO DO ESTADO

Iêda Leal

*"... Você pode me matar com seu ódio,  
Mas assim, como o ar, eu vou me levantar  
Trazendo os dons que meus ancestrais deram.  
Eu me levanto!"*

Maya Angelou – em *Ainda assim eu Me levanto*.

A violência no Brasil tem sido explicitada das mais diversas formas, contra diversos públicos. De um lado, a classe trabalhadora se vê sujeita a riscos como perder seus direitos adquiridos por uma reforma trabalhista que viola o direito de quem trabalha. De outro lado, por uma reforma da Previdência que põe em risco o futuro das trabalhadoras. E ainda tem a lei da terceirização que cria um cenário de insegurança e precarização das relações trabalhistas.

É a violência expressa das mais diversas formas contra o direito de ser mulher, e Goiás apresenta dados cada dia mais aterrorizantes. É a completa violação ao direito de liberdade de ser mulher que é atacado diariamente nas casas, nas ruas, nos espaços sociais.

As brasileiras estão tomando as ruas do país para mostrar sua indignação, seu repúdio por todas essas violações. A luta contra a exploração deve ser encarada, por homens e mulheres, como uma atividade cotidiana. E deve ser uma premissa nos sindicatos e movimentos sociais. Somente a unidade poderá pôr fim ao assassinato de trabalhadoras, à exploração da

força de trabalho, daqueles que constroem e mantêm este país.

O problema assume dimensões ainda mais dramáticas quando o analisamos sob a ótica feminista. A violência, o machismo e o sexismo vitimam mulheres de todas as classes sociais, mas são as trabalhadoras pobres que estão mais vulneráveis; seja pelo assédio moral e sexual que muitas sofrem no local de trabalho; seja porque a vida na periferia e bairros distantes, sem a infraestrutura adequada, as expõe a riscos maiores. Seja pela dificuldade de acesso ao espaço de trabalho e de formação, que muitas se sujeitam a se manter na relação por medo de não conseguir manter uma casa, seus filhos e filhas e as despesas.

Relatos de mulheres agredidas, que muitas vezes voltam para os relacionamentos abusivos, trazem à tona a condição dos baixos salários que muitas enfrentam.

A sociedade muitas vezes julga esta mulher, mas não contribui para que ela tenha o suporte necessário para enfrentar a situação e criar novas formas de vida. Se este mesmo olhar se detém sobre as mulheres negras, nos deparamos

com o fracasso das instituições em garantir seus direitos.

O racismo institucional se expressa inclusive no processo de formação, implementação e monitoramento de políticas públicas. E quando as mulheres negras buscam apoio do Estado para enfrentar a violência vivida são, normalmente, revitimizadas. Estereótipos, preconceitos e discriminações de gênero estão presentes na nossa cultura e interferem na realização da justiça.

Mas o sistema penal não tem a função de promover direitos. O ideal da equidade entre homens e mulheres requer a adoção de políticas públicas eficazes à transformação social. A sociedade deve de fato compreender o que é a violência contra a mulher e entendê-la como fato reprovável e juridicamente punível.

Parte considerável das mulheres não denuncia os crimes pelo receio; um injusto sentimento de vergonha as inibe e oprime, deixando que aceitem para si próprias uma culpa da qual não têm nenhuma responsabilidade. Denunciar a violência é fundamental para a responsabilização de seus autores.

A ausência da denúncia favorece a perpetuação e a repetição da violência contra a mulher. Acredito que somente a luta organizada nos locais de trabalho, moradia e estudo é que faz o verdadeiro enfrentamento contra a minoria que segue concentrando a riqueza por meio da exploração do conjunto da classe trabalhadora.

A política e os políticos têm que acordar para o papel perverso que o Estado desempenha nesse processo. O Estado não pode silenciar contra a violência e também não pode ser o agente perpetuador da violência. O Estado que desemprega, que retira direitos fundamentais das trabalhadoras estimula a violência.

O Estado que acaba com políticas compensatórias ou que não põe em prática os dispositivos da Lei Maria da Penha também contribui para o aumento da violência. O Estado não pode ser mínimo, não pode se esquivar de sua responsabilidade, para isto é necessário o monitoramento da sociedade. O Estado, fruto do contrato social imaginado pelos iluministas, é aquele que está a serviço da formação dos e das cidadãos e cidadãs.

Por isso é importante a insurgência das ruas, que leva à indignação das cidadãs e produz a necessária reflexão sobre a necessidade de que só há equilíbrio na sociedade se houver respeito às demandas sociais.

Não se constrói uma nação deixando as pessoas à mercê da violência, sem políticas públicas efetivas de equiparação, equidade e garantia de direitos arduamente conquistados. Pela memória de luta de Luiza Barrios, Léilia Gonzalez, Lourdinha da Tapioca, Beatriz Nascimento, seguiremos a luta.



**Iêda Leal**

Professora. Tesoureira do Sintego. Vice-presidente da CUT Goiás. Secretária nacional de combate ao racismo da CNTE. Militante do MNU



# BEZERROS: A ARTE EM FLORESCÊNCIA

Lúcia Resende



Fotos: Acervo Centro de Artesanato

Saindo do Recife pela BR-232 em direção a Caruaru, cidade conhecida pelo incomparável São João, cerca de 100 quilômetros adiante está Bezerros, terra da arte em constante, exuberante, fabulosa florescência.

Bezerros é o chão de mestres da arte popular como o afamado cordelista e xilogravurista J. Borges (José Francisco Borges), premiado pela UNESCO na categoria Ação Educativa/Cultural e com trabalhos espalhados no mun-

do inteiro; e de Lula Vassoureiro (Amaro Arnaldo do Nascimento), criador das famosas máscaras de Papangu, ambos reconhecidos como Patrimônios Vivos de Pernambuco.

De Bezerros é também o cineasta Marlom Meirelles, com filmes exibidos em mais de dez países e em dezenas de festivais pelo mundo, sempre abordando aspectos da cultura e da vida de sua gente, como em Olhos de Botão (2015). E de Bezerros são outros

tantos homens e mulheres que fazem da arte seu viver e meio de sobreviver.

A cidadezinha de pouco mais de 60 mil habitantes, distante cerca de 100 quilômetros da capital, conta com importantes ateliês e espaços culturais, como a Estação da Cultura – Museu e Espaço Papangu, o Memorial de J. Borges & Museu da Xilogravura, a Casa de Cultura Popular Lula Vassoureiro e o Centro de Artesanato de Pernambuco – Unidade Bezerros.

## CENTRO DE ARTESANATO DE PERNAMBUCO – Unidade Bezerros



Foto: Lúcia Resende

*“A valorização do artesanato é uma vivência, é um reflexo da experiência de cada indivíduo; esse entendimento é a única forma honesta de dimensionar a importância do artesanato para cada pessoa.”*

Pollyanne Santos  
gerente da Unidade Bezerros.

Para quem vai do Recife, a parada em Bezerros, no Km 107, margem esquerda da BR-232, é forma certa de entrar em contato com a arte não só do município, mas de todo o estado. É lá que fica o Centro de Artesanato de Pernambuco – Unidade Bezerros, onde se pode ter uma visão da riqueza cultural daquela gente e ainda levar um pedacinho de sua diversidade artística pra casa.

Resultado de política pública e erguido num terreno de 12 mil metros quadrados, em fevereiro 2003, o Centro é composto por loja, museu e auditório, totalizando 1,6 mil metros quadrados de uma construção simples, mas totalmente acessível, que atrai já a partir da fachada, composta com peças de barro, tecido chita, palha, papel colorido, em meio e sobre plantas, um verdadeiro cartão-convite.

Ali é possível conhecer os produtos artesanais mais representativos do estado, cuidadosamente organizados no museu, conhecer as expressões genuínas dos grandes mestres do artesanato, assim como encontrar uma infinidade de peças à venda. O conjunto constitui, sem dúvida, importante polo

para a difusão da rica cultura pernambucana.

Logo na entrada, à direita, de braços abertos, uma enorme senhora representa os bonecos gigantes de Olinda, atraindo quem chega para a aventura. A visita é guiada por pessoa qualificada (monitor/a), que informa e esclarece sobre todo o acervo e, assim, se pode aprender sobre a arte produzida nas diversas cidades, bairros ou regiões, sobre os artistas e as técnicas utilizadas.

Nas salas, estão distribuídas peças de todos os grandes polos de artesanato do estado, de dezenas de municípios, de bairros como o Alto do Moura, de Caruaru, berço de mestre Vitalino, o precursor da arte figurativa pernambucana. Há no museu obras dos grandes mestres do estado, que são os artesãos e artesãs que foram além da reprodução, imprimindo marca própria em sua obra.

Mamulengos, casa de farinha mecanizada, reizados, cenas cotidianas, bonecos, bonecas, redes, renda renascença, veículos em miniatura, máscaras, xilogravuras, entalhes, esculturas, carrancas, figuras sacras e outras expressões artísticas feitas com materiais di-

versos, desde o barro tradicional, a madeira, o metal, as fibras, o couro, o papel, o tecido multicolorido, as tintas, até as latas atiradas na beira da estrada que se transformam em pequenos carros, caminhões e ônibus. Um cantinho especial registra a vida do sertanejo, em particular a figura do vaqueiro.

O museu possui acervo único e visitá-lo é aprender muito sobre a produção do artesanato de Pernambuco, um dos mais expressivos do Brasil. Ir a Pernambuco e não visitar o Centro de Artesanato em Bezerros é perder muito da história do Nordeste.

Terminada a visita ao museu, entra-se na loja, onde é possível comprar a preços módicos artesanato da melhor qualidade. São milhares de peças de centenas de artesãos e artesãs que se valem do espaço para divulgação e comercialização de seu trabalho.

O Centro de Artesanato de Pernambuco – Unidade Bezerros – desenvolve um projeto de realização de oficinas, com grupos agendados de até 20 pessoas, para experiências na produção do artesanato ali representado.

**Funcionamento:** de terça a domingo, das 8 às 17 horas.  
**Localização:** Avenida Major Aprígio da Fonseca, 1.100 Rodovia BR 232, Km 107 São Sebastião, Bezerros, Pernambuco, Brasil.  
**Contato:** (081) 3728-6650 cape.bezerros@centrodeartesanato.pe.gov.br

**Observação:** Desde 2012, existe outra unidade do Centro de Artesanato de Pernambuco, no Recife, ao lado do Marco Zero. Lá, entretanto, não existe o museu.

Fotos: Lúcia Resende



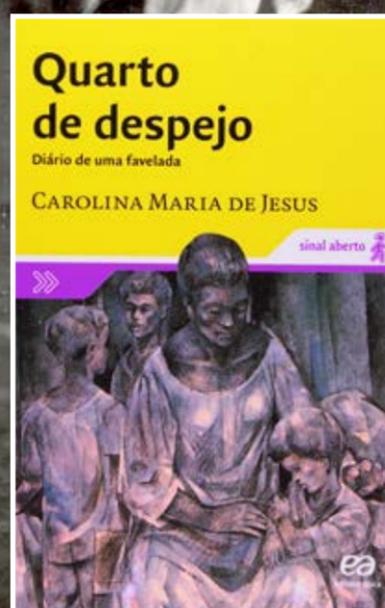
Lúcia Resende  
Professora  
@mluciacres

# CAROLINA MARIA DE JESUS:

EXEMPLO DE SUPERAÇÃO PELA LUTA E PELA ESCRITA.

Iêda Vilas Boas

*"Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos."*



Falar de Carolina Maria de Jesus é trabalho de muita responsabilidade, pois devassa nossa estrutura emocional e nos confronta com a realidade dos preconceitos que ainda trazemos fortemente em nós arraigados.

Como poderia uma mulher, pobre, favelada e negra usar a escrita para aliviar sua pesada rotina? Pois bem, Carolina Maria de Jesus desafiou desde sempre as imposições da vida e se realizou, em vida, como uma das escritoras mais importantes do Brasil.

Nascida de pais negros e analfabetos, veio ao mundo menina esperanta, graúda, de olhos bem vivos para o mundo, em uma comunidade rural da cidade de Sacramento-MG, no dia 14 de março de 1914. Desde cedo conheceu o amargor da violência e do sofrimento. Era filha ilegítima de um homem casado e cruel. Sua mãe, pensando em seu futuro, colocou-a, aos sete anos, como criada da esposa de um rico fazendeiro. Ali, frequentou a escola por dois anos.

Aprendeu o básico da língua – decodificar e codificar as letras – e adquiriu o gosto pela leitura. Lia o que aparecia em suas mãos e assim, formando palavras, frases, decifrando parágrafos, aprendeu a ler e escrever.

Carolina em sua escrita traz grande carga de referência religiosa, herdada de sua mãe, católica fervorosa e exemplar devota, expulsa da Igreja e dos rituais católicos por ser mãe de dois filhos ilegítimos. Com a morte de sua mãe, seguiu para o sonho da cidade grande em São Paulo. Ali, na favela do Canindé, se achou parada e perdida, aos 33 anos, desempregada e grávida.

Porém, demarcando seu território com valentia, Carolina juntou madeira, lata, papelão, pedaços de pau e construiu sua própria casa. Teve seus filhos, o mais velho João José e outros dois, José Carlos e Vera Eunice e, para sustentá-los, passou a ser catadora de papel pelas geladas e garoentas noites são-paulinas. Era assim que conseguia seu suado dinheiro.

Dos papéis que encontrava, salvava as revistas e, quando tinha a sorte de encontrar um caderno velho, guardava-o com extremo cuidado, pois haveria de aproveitar os

espaços em branco e folhas não escritas para registrar sua vida na favela, suas emoções, suas tristezas e, mais tarde, nos apresentar, em forma de livro, as mazelas sociais que queremos esconder no "Quarto de Despejo". Carolina em seus embates com a comunidade, ameaçava os agressores com o valor da palavra escrita: "Vou anotar tudo isso em meu livro", dizia ela.

Carolina jamais se resignou às condições impostas pelo meio e pela pobreza em que vivia. Onde reinava o analfabetismo ela se valia de sua maior arma para se defender: sabia ler e escrever, o que já era uma excepcional conquista, e ainda anotava todos os acontecimentos em seu diário.

Carolina anotou: "(...) Sentei ao sol para escrever. A filha da Sílvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: – Está escrevendo, negra fidalga! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam."

Recebeu a ira de alguns e também baldes de urina, cuspidas, escarros e outras humilhações de sua vizinhança. Muitos riam, achavam graça uma negra pobre saber ler e escrever, outros se sentiam intimidados e aborrecidos em saber de suas vidas e feitos, nem tão heroicos, registrados pela escrita.

Carolina, num lance de sorte, conseguiu emprego na casa de Euryclides de Jesus Zerbini, médico precursor da cirurgia de coração no Brasil, que permitia que Carolina lesse os livros de sua biblioteca nos dias de folga. Dividia seu tempo como catadora de lixo e faxineira e, nos cadernos velhos, ia registrando seu testemunho e suas impressões da comunidade em que vivia.

E assim foi amontando memórias, histórias e cadernos. Ajuntou mais de 20, e um destes, um diário que começou a escrever em 1955, deu origem ao seu mais famoso livro: Quarto de despejo: Diário de uma favelada, publicado pela primeira vez em 1960, após ela ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas. Carolina também escreveu poemas, contos e diários breves, embora estes nunca tenham sido publicados.

O livro foi sucesso de público e crítica e foi reeditado mais vezes em vários países. Quarto de despejo retrata, na visão de Carolina, o que

queremos esconder socialmente: detalha a lida cotidiana dos moradores da favela impregnada de imensa carga de sofrimento e descreve os fatos políticos e sociais de seu meio. Fala, sobretudo, da pobreza e de como o desespero pode alterar o comportamento das pessoas, inclusive levando-as a trair seus princípios.

Seus livros uniram conceitos até então amplamente antagônicos: favela e literatura. Sua narrativa é contestadora, jornalismo de denúncia de uma triste época de exclusão de minorias, foi e é representativa como escritura de mulheres e feminista. Também, como meio de denúncia da desigualdade social e do preconceito racial.

Por ter presenciado cenas de intensa violência doméstica, Carolina nunca quis se casar, embora fosse, quando jovem, bonita e namorada. Cada um de seus filhos tinha um pai diferente. Carolina tinha um sonho: ser cantora e atriz, não conseguiu realizá-lo, mas deixou seu grande legado como escritora social.

Exemplo de resistência, sua escrita e história será marco e referência para sempre na nossa cultura. Seu livro mais famoso e sua luta, tendo a escrita como arma de defesa, é que a faz relevante para o entendimento de situações de segregamento racial e social no Brasil, de ontem e, ainda de hoje, e nos permite uma maior compreensão sobre a vida dos excluídos em comunidades pobres de nosso país.

Morreu em São Paulo, no calor do 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos de idade. Faltaram-lhe ar e lampejo de vida. Já não vivia mais no barraco de tábuas e sim numa casinha de alvenaria no subúrbio. A escrita havia lhe dado essa importante mobilidade social. Já não era mais a favelada e catadora de papéis: era Carolina Maria de Jesus, mulher, mãe, dona de seu teto e de sua vida, e era uma escritora. Recebedora de prêmios e homenagens, ainda hoje é exemplo de superação.



**Iêda Vilas Boas**  
Escritora



Professor Jordânio e estudantes em dia de colheita (Mar/2017)

## CEF Boa Esperança na luta

# “Por um Mundo Melhor”

A necessidade de inserção da educação ambiental na escola é uma demanda contemporânea. Nasce da constatação da degradação ambiental, dos limites dos recursos naturais, da perda da qualidade de vida nas grandes cidades, dos dramáticos prognósticos para a saúde planetária nas próximas décadas.

Localizada no Núcleo Rural Boa Esperança (Ceilândia), o CEF Boa Esperança - tida como Escola do Campo - atende a comunidade local, na sua maioria moradores de chácaras e trabalhadores de áreas rurais. São cerca de 350 estudantes, com idades que variam dos sete aos 14 anos.

A área cercada de 1 hectare está em uma região de Cerrado do vale do rio Descoberto (Bacia do Platina), possuindo ao redor alguns córregos e nascentes.

Há dez anos, o que poderia proporcionar aos estudantes novas experiências, novas vivências, não passava de uma paisagem abandonada.

“Em 2006, a nossa realidade era outra. A parte de trás da escola - cerca de 3/4 do total da área - era coberta por mato e não

era utilizada para nenhum projeto”, conta o vice-diretor, professor Jordânio Lúcio de Castro Vital.

Era preciso mudar. Por isso mesmo, em razão dos problemas encontrados e da predisposição dos professores e da comunidade escolar, definiu-se como eixo norteador na proposta pedagógica o trabalho voltado para a conscientização, sensibilização e preservação ambiental.

A ideia era implementar na escola e na comunidade escolar conteúdos básicos que levassem à sensibilização e ao comprometimento com a sustentabilidade, o uso racional dos recursos naturais, além do desenvolvimento de valores humanos.

Assim, a escola possui, desde o início de 2017, um projeto de sustentabilidade intitulado “Boa Esperança ... De um Mundo Melhor”, dividido em quatro etapas: Água para Viver; Cuidar do Meio é Cuidar de Nós; Viva o Cerrado Vivo; e Nosso Eco pelo Mundo - subdivididos pelo projetos Transformando a Paisagem; Projetos de Ciências; Projeto Amigo das Minas; e Projeto de Leitura.



Transformar a realidade para viver em um ambiente melhor

Hora de trabalhar o adubo orgânico

As etapas orientam a prática pedagógica e, reavaliadas, devem prosseguir nos anos seguintes, gradativamente levando o projeto a se tornar o eixo orientador do projeto pedagógico.

Pioneiro das ações sustentáveis na escola, o “Transformando a Paisagem” é desenvolvido com alunos de anos finais. Através dele são viabilizados: capina, capina seletiva, espaços de plantio, manejo e colheita, limpeza, coleta e seleção de lixo, manejo de adubo orgânico, pintura e construção de implementos pertinentes, dentre tantas outras atividades, além de saídas de campo destinadas ao planejamento de ações fora dos limites físicos da escola.

De acordo com Jordânio - atual coordenador geral do projeto -, “defendemos a inserção da educação ambiental como potencializadora de uma ética inclusiva, transformadora, criativa e capaz de dar suporte a todas as utopias humanas. Essa educação que renova e amplia os fundamentos de relacionamentos justos e solidários entre os homens, do homem consigo mesmo (chamada por alguns de ecologia profunda) e com a natureza e seus seres”.

A diretora do CEF Boa Esperança, Mirela Cristina Carlos da Silva, enfatiza que com esse trabalho “tivemos uma grande repercussão, a escola ficou reconhecida como uma escola

do campo que tem um projeto diferenciado, voltado para a sustentabilidade, envolve os estudantes e os convence que é possível transformar a realidade para vivermos em um ambiente melhor”.

O objetivo perseguido era o de que os estudantes entendessem que cuidar do meio ambiente “é cuidar da gente, das relações humanas, da forma de encarar a vida. Somos o ‘meio’ e não apenas fazemos parte dele. Essa mudança de visão já foi bastante sentida”, disse Jordânio.

Atualmente no terreno da escola algumas áreas verdes já se destacam até mesmo em fotos aéreas e novas áreas verdes estão sendo planejadas e executadas.

Citando o educador brasileiro Moacir Gadotti, o projeto político-pedagógico do CEF Boa Esperança não deixa dúvidas do que pretende: “Precisamos de uma ecopedagogia. A ecopedagogia é uma pedagogia centrada na vida: considera as pessoas, as culturas, os modos de viver, o respeito à identidade e à diversidade”.



www.sinprodf.org.br | facebook.com/sinprodf



Fotos: Barbara Braga Noleto Alves

## A HISTÓRIA DO ARROZ DE PUTA RICA E UM CABOCLINHO GOIANO CHAMADO JOÃO BÊNINIO

Laurenice Nonô Noleto

Pra se explicar o que vem a ser o Arroz de Puta Rica – um prato típico da culinária goiana, é preciso primeiro contar a história de um caboclinho nascido mineiro, em 1917, que aos 19 anos, como artista de teatro, chegou em Goiânia e aqui virou um goiano pé rachado – João Bênnio.

Ao final dos anos 60, apaixonado por sua terra adotiva, ele capitaneou várias atividades artísticas de Goiás e ainda resolveu que iria mostrar a todo o Brasil e ao mundo as belezas, as cantigas, os causos, o modo de viver, enfim, de seu povo.

Sem perder o jeito matuto de

ser, o grande jornalista, teatrólogo, roteirista, cineasta, artista, poeta, contador de causos e de piadas juntou suas trouxas e foi pro eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mexeu, virou e conseguiu: mostrou Goiás nas telas grandes das salas de cinema de todo o Brasil.

João Bênnio fez vários filmes longa-metragem. Todos rodados em cidades goianas, contando histórias verdadeiras – ou nem tanto –, mostrando as músicas e os costumes do seu povo simples, dos companheiros poetas e boêmios, e as belezas do majestoso e mágico Rio Araguaia,

paixão telúrica dos goianos, que todos os anos, na época de poucas chuvas, quando suas águas abaixam, acampam em suas praias de areias muito brancas e finas. Ali, João Bênnio rodou todas as cenas do seu mais famoso filme – “O Diabo Mora no Sangue” (1968), que escreveu junto com Hugo Brockes; dirigiu junto com Cecil Thiré, e atuou também, tendo como companheiras Ana Maria Magalhães e Maria Pompeo, entre outros famosos atores da época.

Depois disso, em plena Ditadura Militar, quando todas as manifestações de arte foram

terrivelmente censuradas e muitos artistas e intelectuais presos e exilados, João Bênnio voltou à sua terra e, junto com um grupo de jornalistas, trabalhou no jornalismo chamado alternativo, escrevendo para o Jornal de Deboche, editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Goiás.

Logo depois, como precisava sobreviver financeiramente, comprou uma chacinha na beirada do Jardim Novo Mundo, em Goiânia, e instalou ali um dos primeiros restaurantes de comida típica de Goiás.

E, dentre outros pratos inventados ou simplesmente adaptados das cozinhas das roças goianas, Bênnio usou toda a sua criatividade de roteirista do cinema e criou a grande estrela do seu cardápio: o Arroz de Puta Rica!

Contava João Bênnio que, antigamente, tempo do Brasil Colônia, quando Goiás ainda tinha suas economias sustentadas na extração do ouro, muitas donas de bordéis montaram suas casas e exploravam todas as suas habilidades para atrair às suas

casas a maior clientela de homens ricos – moradores ou que chegassem à cidade. Assim, na antiga Vila Boa, capital da Província de Goyaz, as donas dos bordéis, para chamar a atenção dos ricos “coronéis” e dos tropeiros que chegavam de viagem, em completo “jejum”, depois de meses nas estradas, em lombos de burros, recomendavam às suas moças que não economizassem nos vestidos coloridos, batons e perfumes.

Uma delas, no afã de conquistar ricos pretendentes para as suas “afilhadas”, muito esparta, passou também ordens à sua cozinheira para caprichar nas panelas. E, para certificar-se da qualidade das receitas, chegou na cozinha e chamou sua cozinheira:

– Maria do Socorro, me acuda!  
– Sim, patroa!  
– O que você está preparando pra esta noite?  
– Uma galinhada e uma maria-isabel, pa-

troa!

– É pouco. Isso é de puta pobre! Misture essas duas panelas e ponha mais, ponha tudo que tem aí na nossa despensa. Além do frango da galinhada e da carne de sol da Maria Isabel, temos aí linguça?

– Tem sim, Senhora!  
– Tem lombinho de porco?  
– Tem sim, Senhora!  
– Tem costeletas de porco?  
– Tem!  
– Tem bacon?  
– Tem, também.  
– Huuuummm! Então prepare e bote um bocão de cada nessa panela de arroz com galinha e carne de sol... Mas ainda é pouco. Quero mais!!! Na nossa despensa tem azeitonas, tem?

– Tem sim, patroa.  
– Então bote também!  
– Tem uva-passa?  
– Tem.  
– Então bote também!  
– Tem palmito?  
– Sim.  
– Pois bote!  
– Tem ervilhas, tem?  
– Tem sim, Senhora.  
– Pois então ponha um bom bocão também. E o que tem mais? Bote tudo de bom que tivermos nessa panelada, minha filha, porque aqui é arroz de puta rica. E, quanto mais ingredientes, mais rica é a puta! Ká! Ká! Ká! Ká! Ká!

Pronto! Estava criado um dos mais exóticos e irreverentes pratos da culinária típica de Goiás: o Arroz de Puta Rica! E os tropeiros trataram de contar, por todos os caminhos por onde passavam, a história do arroz das putas ricas de Goiás.

**Laurenice Nonô Noleto**

Jornalista. Escritora. Artesã licoreira. Culinária apaixonada pela cozinha goiana e diretora da Comissão da Verdade, Memória e Justiça do Sindicato dos Jornalistas de Goiás.



# Libano:

UM BRASIL DENTRO DO VALE DO BEKAA



Fátima Safadi Carvalho

Cada qual com seu sonho de viagem. Eu, antes de cogitar conhecer a Disney, a Europa ou os Tigres Asiáticos, sempre quis buscar minhas origens árabes, conhecer a terra natal de meus avós paternos e de meu pai, libanês de nascimento e brasileiro há cerca de 60 anos, aliás, mais brasileiro do que muita gente que conheço.

Minha decisão de viajar para o Oriente Médio recebeu comentários maldosos e mal informados:

- O que vai fazer naquela terra, vai acabar levando um tiro, ou mesmo uma bomba!
- Você vai ter que vestir burca!
- Cuidado com os terroristas!

Me impressiona como a imprensa, mal-intencionada, desinforma as pessoas!

Passaporte na mão, alguns poucos dólares no bolso e lá vou eu, de São Paulo para o Libano, com escala em Istambul, na Turquia. O prazer de rever minhas irmãs Emina e

Samira, além de uma dezena de sobrinhos e parentes, compensou as mais de 20 horas sobre o Atlântico.

Três da madrugada, chegamos a Beirute, capital linda, moderna, segura, orla marítima iluminada, muita cor, muito brilho, muita música; muita gente vestindo baby-look, tênis, saia curta; muitas mulheres com os comportados e não menos lindos lenços árabes. Tudo junto e misturado, em uma perfeita harmonia que já há algum tempo não se observa por aqui em nossas terras tupiniquins.

Dali, seguimos rumo ao Vale do Bekaa, por uma estradinha que serpenteia entre os vales e a montanha, com belas mansões nas encostas. Parada na padaria para o primeiro lanche no país: doces, pães e frutas das mais variadas. Depois, mais subida com muita pressão nos ouvidos, muitos acampamentos de refugiados sírios, muita criança, muito frio.

Emoção total quando chego a Balloul, cidade que, pelas histórias de família, reverberou em minha mente a vida inteira. Minha irmã Samira, a quem não via há anos, me recebe com a mesa posta, tipicamente árabe. Nos três dias que se seguiram, uma acolhida como determina a cultura árabe: todo o vilarejo vindo felicitar a visitante "americana". E dá-lhe comida, chá e muuuito café!

## O VALE DO BEKAA

Minha estadia no Libano esteve muito direcionada a Balloul, no Vale do Bekaa, com visitas a Aarão, Lehla, Zahle, e à cidade histórica de Baalbek, maior polo de atração turística da região, onde se encontram as gigantescas, impactantes e colossais ruínas de Balbeek com seus palácios, templos e arenas deixadas pelo Império Romano.

Em Balloul, durante o dia, a oportunidade de colher cerejas di-

retamente do pé e no terreno pertencente a meus antepassados, me aproximou das minhas raízes e me fez valorizar o sentido da vida. Já à noite, a pedida com minhas irmãs e familiares era sair para fumar narguilé e comer shawarma de carneiro, uma espécie de churrasco grego com carne, molho de alho e vinagre, envolto em pão sírio. Se quiser comodidade, o narguilé é servido na forma de "delivery". Muito interessante e muito forte na cultura local!

Como estava ali no final do mês de Ramadã, que é quando acaba o inverno rigoroso, vi a cidade se transformar em festa, com uma vida noturna frenética e extremamente segura, muitos casamentos, e a animada presença dos turistas.

Zahle, a capital do Vale do Bekaa, de maioria cristã, possui os melhores restaurantes, uma vida noturna agitada, e um comércio intenso e sofisticado. Os moradores do Bekaa dependiam em muito do comércio com a Síria, apenas 60 km distante. Com a crise síria, Zahle assumiu essa importância comercial, além da forte importação da Turquia.

Em Baalbek, onde também existe um verdadeiro espetáculo de engenharia montado em gigantescos blocos de rocha, cuja época de construção remonta ao período pré-dilú-

vio, fiz passeios de camelo e conheci restaurantes com vistas exuberantes onde se servem pratos de carne de ovelha, quibe, e doces dignos do pecado da gula, confeccionados com açúcar de beterraba, bem mais suave do que o nosso, de cana-de-açúcar.

Governada pelos muçulmanos xiitas, mesmo com forte presença militar, a cidade recebe os turistas com seus excelentes hotéis, sua deliciosa gastronomia e seu pujante comércio de peças de ouro, expostas e vendidas em bancas de rua. Não há registro de roubo ou bandidagem. Foi certamente meu momento mais emocionante no Libano.

## UM BRASIL DENTRO DO VALE DO BEKAA

Foi preciso ir até o Libano para melhor entender a relação entre os dois países. Nota-se a presença brasileira nos mais variados segmentos, sobretudo na alimentação.

Os melhores cafés consumidos são importados do Brasil, assim como as carnes de frango e bovina. Senti-me em casa. Aliás, me deparei com pessoas falando português por todas as cidades onde passei, e o meu árabe com sotaque português fez sucesso.

O Vale do Bekaa é predominante-

mente agrícola e o principal abastecedor da capital Beirute. Para onde se olha se vê plantação de tomate, batata, pepino, laranja, e muita cebola. Surpresa maior foi encontrar uma plantação de uva, vinícola que abastece uma fábrica de vinhos em Beirute. O famoso Chateau Kefraya já ocupa espaço entre os melhores vinhos do mundo.

No extremo oriente do vale encontra-se a cidade de Luci, uma espécie de colônia brasileira no Libano. Ali, praticamente só se ouve o idioma português e foi onde fui comer pastel e churros feitos na hora por uma senhora libanesa que já morou em São Paulo. Vem gente de toda parte para saborear essas guloseimas brasileiras.

Retorno ao Brasil com a imagem do Libano como um país democrático e solidário onde cristãos, muçulmanos, pessoas de outras crenças e refugiados sírios convivem pacífica e harmoniosamente, e onde a presença brasileira é muito bem-vinda. Ao Libano, terra de minhas raízes, voltarei, com certeza!



**Fátima Safadi Carvalho**  
Pedagoga.

Fotos: Acervo Fátima Safadi.



# NO FRIOZINHO DAS FÉRIAS, O CALOR OS CLUBES DO SINTEGO

Mesmo em Goiás, onde os invernos costumam ser mais amenos, nas férias do meio do ano as temperaturas baixam, e às vezes baixam muito.

Esse é um bom tempo para a visita às famosas águas quentes de Caldas Novas, e aos outros clubes do Sintego, localizados em Aparecida de Goiânia e em

Quirinópolis. Além da luta sindical e da defesa de direitos, o Sintego oferece aos seus filiados e filiadas – ótimas opções de lazer nas férias.

## CALDAS NOVAS

**OFERTA:** O Clube do Sintego em Caldas Novas, oferece a professores, administrativos e contratos temporários oportunidades de congraçamento, lazer, recreação, práticas de esportes e área de festa para os sindicalizados, funcionários, conveniados, convidados e visitantes. O Clube do Sintego conta com um hotel com 48 apartamentos, áreas para acampamento, bar, lanchonete, campo de futebol, hospedagem, parque infantil, piscinas de água aquecida, quadra poliesportiva, sauna e salão para confraternização.

**PÚBLICO:** Podem usufruir do clube os/as filiados/as, seus dependentes e convidados/as. São considerados dependentes: pai, mãe, esposo, esposa e filhos/as menores de 23 anos. Depois dessa idade, os filhos e filhas tornam-se convidados.

**SERVIÇO:** Os serviços do Clube do Sintego, localizado à rua Antônio Gilberto R. Filho, Od. 37, Residencial Portal do Lago, Caldas Novas, são disponibilizados de terça a domingo, das 8h às 22h. Consultas e solicitações de reservas podem ser feitas pelos telefones (62) 3291-8383 / (62) 9 8544-6175 e pelo site ([www.sintego.org.br](http://www.sintego.org.br)).



## HOTEL DO CLUBE DO SINTEGO

Com seus 48 apartamentos, o belo e confortável hotel do Clube do Sintego acolhe os sindicalizados e sindicalizadas, seus familiares e convidados/as segundo a disponibilidade de vagas, com prioridade para as pessoas sindicalizadas, mediante "solicitação de reserva" com antecedência de até 30 dias em alta temporada e 07 dias em baixa temporada. As reservas devem ser feitas pelo telefone (062) 3291-8383.

Os preços da hospedagem variam segundo a temporada, conforme tabela também disponível no site. As mesmas regras se aplicam para o alojamento no camping do Clube.

## APARECIDA DE GOIÂNIA

Localizado na Alameda Lourenço Marques, QD 57, Lote 02 – Aparecida de Goiânia, o Clube oferece quadras poliesportivas, piscinas, salão de festas e ampla área de entretenimento e lazer. Prioritariamente, o Clube atende aos sindicalizados e sindicalizadas do Sintego. Informações: (62) 3248 1871.



Fotos: Acervo Sintego

## QUIRINÓPOLIS

Localizado à : Rua Aladim Lemos de Souza, número 5 - Jardim Santa Clara – Quirinópolis – Goiás, o clube oferece churrasqueiras, piscinas, e salão de conferências e confraternização, e cozinha completa prioritariamente, para os sindicalizados e sindicalizadas do Sintego, mas também está aberto para a comunidade, em caso de vagas. Informações: 64 36513435.





# A LENDA DO MINHOCÃO

"E o Minhocão?"

Ah! Isto é sério! Porque existe mesmo, que já vi; de longe, felizmente. É um bicho enorme, preto, meio peixe, meio serpente, que sobe e desce este rio em horas, perseguindo as pessoas e as embarcações; basta uma rabanada para mandar ao fundo uma barca como esta nossa. Às vezes toma a forma de surubim de um tamanho que nunca se viu; noutras, também se diz, vira um pássaro grande, branco, com um pescoço fino e comprido, que nem uma minhoca; e talvez por isso é que se chama o Minhocão."

J.M. Cardoso de Oliveira – Dois metros e cinco.  
H. Garnier, editor, 1909. Citado em: Geografia dos Mitos Brasileiros. Luís da Câmara Cascudo, Editora Global, 2000.

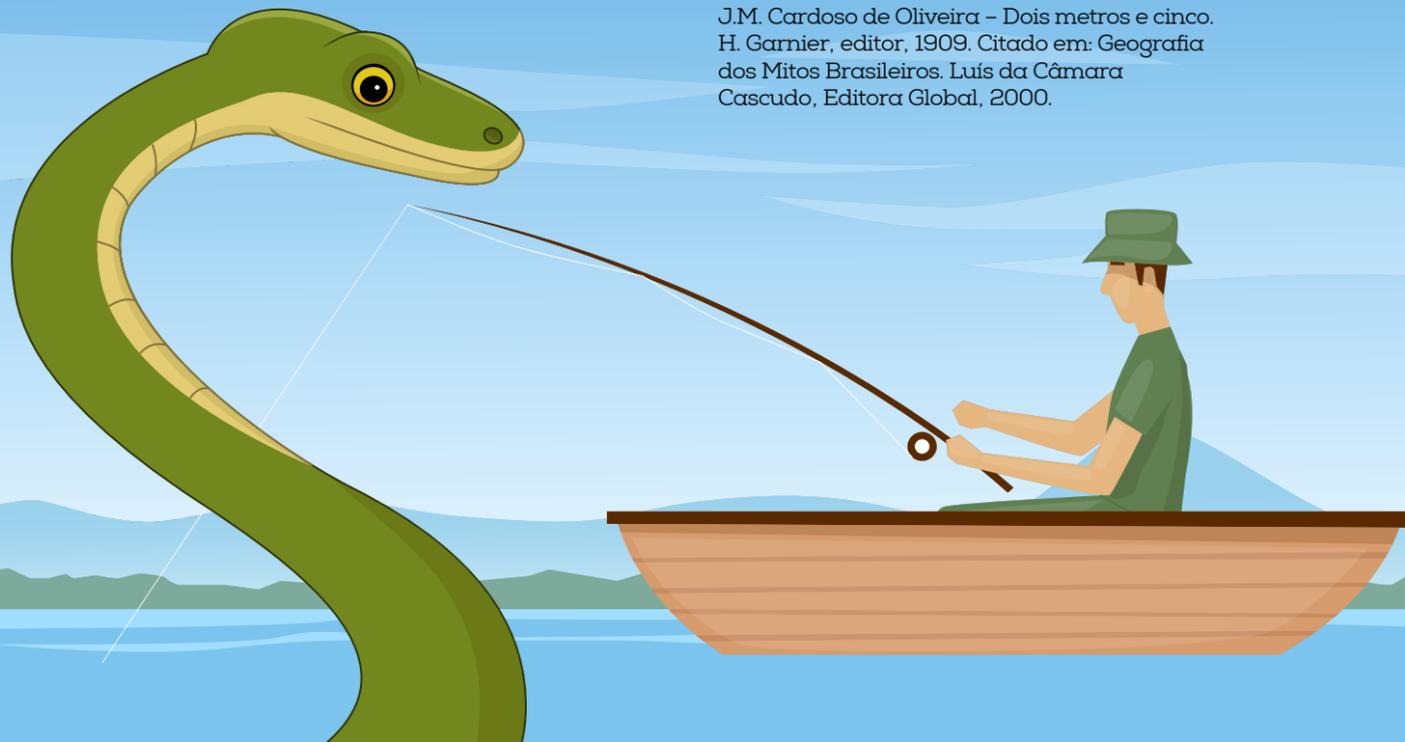


Foto: Lúcia Resende



## ASSIM NASCEU FORMOSA, SEGUNDO OLYMPIO JACINTHO

**CUT SINPREFOR**  
SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS  
PÚBLICOS MUNICIPAIS DE FORMOSA

"Houve, na margem esquerda do ribeirão Paranã, um povoado, situado por baixo da barra do ribeirão Itiquira, afluente da margem esquerda daquele. Esse povoado, que tinha a denominação de arraial de Santo Antônio (dele existem taperas de casas e de uma capela), foi edificado em local inabitável: entre várzeas paludosas e o mal afamado ribeirão Paranã que, depois de receber inúmeros afluentes, é um dos maiores tributários do rio Tocantins. Os habitantes desse povoado, vendo-se dizimados, todos os anos, pelas febres intermitentes, transferiram-se para a localidade onde hoje se acha a cidade de Formosa, distante oito léguas dali, por ser salubre, e porque nela se estacionavam os negociantes ambulantes de fazendas, feragens, sal e café, que vinham sobretudo de Minas Gerais, e, receosos das febres do Paranã, ali esperavam que os paranistas viessem trazer-lhes gado, couros solas e salitre, para permutarem suas mercadorias." Fonte: Olympio Jacintho, em *Esboço histórico de Formosa*, 1979.

## Feliz 174º Aniversário, Formosa!

Com muito orgulho, neste 174º aniversário de Formosa, nós, da 12ª diretoria (gestão 2017–2019) do Sinprefor, fundado em 28 de dezembro de 1988, para organizar os servidores formosenses e defender seus direitos, compartilhamos esse registro do pesquisador Olympio Jacintho, para fortalecer nossa identidade e celebrar nossa História.

# Antonio Risério:

## Um gladiador da cultura

Jaime Sautchuk



Fotos: www.escoladacidade.org

Cachorros e gatos no quintal, a areia da praia ao lado, sandálias havaianas e a serenidade de Itaparica, a principal cidade da ilha do mesmo nome, virada de costas pra Salvador, a metrópole da Bahia. E um notebook por perto, pra escrever. Só sai dali pra cumprir copiosa agenda de palestras, debates e outros eventos culturais Brasil afora.

Assim vive, hoje, aquele que é o mais polêmico, porque contestador, e um dos mais respeitados intelectuais da Bahia, por conta de uma produção teórica invejável e de trabalhos práticos de grande efeito. Figura de destaque – justamente, talvez, por estar sempre meio escondida – é a do poeta, antropólogo e crítico literário Antonio Risério.

Com o nome de Antonio Risério Leite Filho, ele nasceu de uma família bem estabelecida no bairro soteropolitano de Brotas, em 1953. Seu pai, advogado e jornalista, era um intelectual respeitado, que se casara com uma moça simples do sertão baiano. Ele partiu bem antes do combinado. Ela, beirando os 100 anos de idade, ainda acompanha o filho em atividades culturais e dá palpites em seus feitos, firme e forte.

Vem dessa mistura, por certo, a rebeldia do filho. Nasceu em casa, sozinho, e quando o pai chegou com a equipe médica ele já descansava ao lado da mãe, na cama. Recebeu o nome de Antonio, sem o acento circunflexo no “ó”, e largou a escola ao começar o segundo grau, por desdenhar o

ambiente, digamos, acadêmico dos bancos da escola formal.

Essa mescla da sertaneja com as ideias modernas, urbanas, talvez explique também o jeito de Risério, bastante simples, um tanto recatado, mas ao mesmo tempo alegre, esbanjando simpatia. Esmerado no trabalho, ele cuida de tudo o que faz com o mesmo refinamento com que o quilombola da Chapada Diamantina pila e torra sua deliciosa farinha de mandioca.

Ele não chegou a participar das ebulições culturais que tomaram a Bahia nos fins dos anos 1950 e na década de 60. Era criança quando Glauber Rocha liderou a invenção do Cinema Novo e, no surgimento da Tropicália, em 67, já militava no movimento secun-

darista. Ele, como a ex-presidente Dilma Rousseff, foi membro da Política Operária (Polop), uma organização que participou da luta armada. Em 1970, com 16 anos, ficou preso por três meses.

Autodidata, Risério optou pela poesia e por conhecer a Bahia através de outros caminhos que não o acadêmico. Formava-se, então, um movimento de jovens intelectuais, ligado à poesia concreta e à busca das raízes da vida e das gentes baianas.

Em 1972, quando Caetano Veloso e Gilberto Gil voltaram de seus dois anos de exílio na Inglaterra, esse movimento parecia ser o que havia de novo no campo cultural, na Bahia. E Caetano se aproximou de Risério. Depois, o apresentou a Gilberto Gil – e começou ali uma parceria que durou muitos anos.

Desde aquela época, Gil queria fazer um trabalho político, o que agradava ao novo parceiro. Risério e o amigo Roberto Pinho elaboraram o projeto de criação da Fundação Gregório de Mattos, encampado pela Prefeitura de Salvador. E Gil assumiu a presidência da entidade. Foram anos de um trabalho cultural que marcou época, pela defesa do patrimônio histórico e pela implantação de uma visão antropológica da cultura. Era um trabalho que, na avaliação do grupo, credenciava Gil a prefeito de Salvador.

Aquele movimento perturbou o esquema da oposição baiana de então, que era o PMDB, comandado pelo então prefeito de Salvador, Mário Kertész, e pelo governador Waldir Pires. E os dois abortaram o projeto de Gil na Prefeitura. Mas o compositor se elegeu vereador e, com a reforma partidária, passou a integrar o recém-criado Partido Verde.

Com a ducha fria, o grupo meio que se estilhaçou e cada um foi cuidar de outros projetos. Pinho e Risério foram trabalhar na implantação da rede de hospitais Sarah Kubitschek, cuja sede fica em Brasília. Isso fez com que Ri-

sério se mudasse pra Brasília, onde passou a coordenar o Centro de Pesquisa do Sarah, voltado ao desenvolvimento de tecnologias no atendimento a pessoas com deficiência física.

Já naquela época, como algumas universidades, em São Paulo e na Bahia, haviam adotado livros seus em cursos de pós-graduação, Risério pleiteou o direito de defender, ele próprio, uma tese de mestrado. Apoiado por grande número de intelectuais, ele preparou uma tese, que foi submetida a uma banca da Universidade Federal da Bahia e virou mais um livro: *Avant-garde na Bahia*. E, assim, ele ganhou um canudo de mestrado.

Isso, porém, não fez com que sufocasse sua aversão ao mundo acadêmico. A ausência do debate, a ritualística, o corporativismo, o carreirismo e outros ismos da universidade o fazem ficar longe dela. Sua obra, entretanto, é de um rigor de fazer inveja na academia.

Na primeira campanha vitoriosa de Lula à Presidência, em 2002, ele se empenhou com ideias e textos, a pedido do publicitário Duda Mendonça. E, quando Gilberto Gil assumiu o posto de ministro da Cultura, o chamou pra integrar a equipe do Ministério. Ele não perguntou o que iria fazer, nem quanto iria ganhar. Fez as malas e seguiu pra Brasília.

No MinC, ele ocupou por um ano o cargo de assessor especial, função que o permitiu ficar afastado da burocracia, com liberdade pra fazer com que as ideias, muito mais do que os papéis, circulassem com desenvoltura. No entanto, achou injusta a demissão de seu parceiro Roberto Pinho e também deixou o ministério. Desde então, suas relações com o amigo Gil azedaram.

A partir dali, foi cuidar da vida, embrenhando-se num sem-número de atividades. Duas delas se destacam pela transcendência que têm na preservação da cultura brasileira. Uma, é a dos

projetos gerais do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, que nos explica porque falamos Português. Outra, a do Cais do Sertão Luiz Gonzaga, em Recife, moderno espaço cultural do Pernambuco.

Embora sendo a Antropologia seu ancoradouro mais permanente, no campo da produção intelectual, Risério navega com desenvoltura por muitas outras águas. Em quase duas dezenas de livros publicados, mais uma infinidade de capítulos em obras coletivas e artigos em jornais e revistas, Risério esbanja erudição. No campo da poesia, a habilidade no manejo da língua, o talento e a sensibilidade dão a ele o direito de ser chamado de poeta, com P maiúsculo.

Nos últimos anos, ganhou notabilidade também como crítico literário, o que ele põe em dúvida. “Não sei se o que faço é exatamente ‘crítica literária’; sou um intelectual, um escritor culto, que eventualmente escreve sobre livros”, disse ele quando lhe indagou sobre isso.

Mas contesta com maior firmeza aqueles que dizem haver séria crise na literatura ficcional brasileira. Resume assim sua posição:

– “Penso que não. O problema é a obsessão quantitativista. Mas, veja bem, o modernismo de 22 não produziu mais do que meia dúzia de escritores. Hoje, entre poetas e prosadores, temos um mesmo número de bons autores. E é assim mesmo.”

Em suas andanças pelo Brasil, ele centra fogo nos partidos políticos, indiscriminadamente, acusando-os de embotarem a verdadeira participação popular nas questões nacionais. Mas diz acreditar que “o Brasil que mais interessa sempre aconteceu à revelia do Estado”.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# O CALENDÁRIO ASHANINKA, SEGUNDO OS HÁBITOS DOS ANIMAIS



Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida

Uma maneira de marcar a passagem do tempo e de orientar-se nele, para saber em que período da estação se está, é observar os hábitos dos animais. Os Ashaninka sabem, por exemplo, da chegada do verão pelos cantos do *kaawa* (sapo-canoeiro), do *kôpero* (surucuá ou dorminhoco, *Trogon sp.*) e do *owiuro* (espécie de gavião). A jia, com seu canto que atravessa as noites úmidas do inverno, é uma das primeiras a anunciar a chegada do tempo das águas. E assim, observando elementos de diferentes domínios da natureza e operando os respectivos conhecimentos acumulados, transmitidos oralmente e aprimorados de acordo com o interesse e a curiosidade individuais, os Ashaninka criaram seus mecanismos de orientação temporal.

**Erotsi.** Papagaio-estrela. É a época de postura do papagaio. Alguns já estão começando a chocar. Quando o *kotatoki* (joão-mole) está com as folhas amarelan-

do, o papagaio está chocando. Quando todas as folhas já caíram, os filhotes estão nascendo. Quando o *kotatoki* está cheio de folhas, os filhotes estão empenados e prontos para voar (agosto-setembro).

**Tsitsxoki.** Periquito-estrela.

Quando desponta o botão da flor do *mapiitoshi* (arbusto com cerca de 1,5 metros de altura, também referido como *iyomawo tsitsxoki* "medidor de periquito"), o periquito está nascendo. Quando a fruta da topa está se partindo ao meio para que as sementes saiam, o filhote de periquito já está bom para ser apanhado e criado. Isso ocorre durante o mês de setembro.

**Kemari.** Anta. Quando a biorana (*kapariki*) está com fruta madura, no meio da estação chuvosa, a anta está com filhote. Esse período corresponde aos meses de janeiro e fevereiro.

**Samani.** Paca. No final da estação seca, por volta de outubro, a paca está com filhote.

**Shima.** Curimatã. Quando o *hayriki* (espécie de árvore) está com sementes, a curimatã está ovada. Isso ocorre no final da estação seca, durante o mês de outubro. Desova na estação chuvosa, com as primeiras águas. Ela desce o rio para escolher o lugar para a desova. Aquelas que estão no lago saem com as primeiras enchentes para desovar, ficando apenas os machos. Depois da desova, elas sobem o rio novamente.

**Kenpitsi.** Bode. O medidor dele é a urtiga-da-beira-do-rio. Quando essa espécie de urtiga está com sementes, o *kenpitsi* está ovado. A desova dá-se entre os meses de julho e agosto.

**Kitayriki.** Porquinho. Quando a fruta da jarina está madura, no mês de agosto, o porquinho está gordo.

**Kaawa.** Canoeiro. Eles só cantam durante a estação seca. Nas primeiras semanas do verão (maio), cantam no alto das árvores, anunciando a chegada da nova estação. Em meados de junho, começam a descer em direção à beira do rio, onde chegam no meio do verão (julho). Cantam do começo da noite até a chegada da madrugada, quando se acasalam. Cavam buracos rasos e largos, na beira da água, para desovar. O canoeiro é o primeiro a anunciar a chegada da estação seca e a anunciar que é tempo de fazer roçado.

**Amikomotsi.** Alencó (espécie de pássaro). O alencó canta quando os lagos estão secando, no final da estação seca (setembro).

**Määki.** Cobra. Quando a cana-brava está soltando pendão (*sawopi*: haste da flecha), as cobras estão com filhotes. Isso ocorre quase no meio da estação chuvosa, durante o mês de dezembro.

**Shawo.** Cutia. No ano em que a cutia engorda, dá grande alagação.



Fonte: Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida (organizadores) em Enciclopédia da Floresta: O Alto Juruá - Práticas e Conhecimentos das Populações. Editora Companhia das Letras, 2002.

## COMO PODERIA SER UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL?

Leonardo Boff

**Uma sociedade sustentável é quando se organiza e se comporta de tal forma que ela, através das gerações, consegue garantir a vida dos cidadãos e dos ecossistemas nos quais está inserida, junto com a comunidade da vida.**

**Quanto mais uma sociedade se funda sobre recursos renováveis e recicláveis, mais sustentável se torna. Isso não significa que não possa usar recursos não renováveis, mas, ao fazê-lo, deve praticar grande racionalidade, especialmente por amor à única Terra que temos, e em solidariedade para com as gerações futuras.**

**Uma sociedade só pode ser considerada sustentável se ela mesma, por seu trabalho e produção, tornar-se mais e mais autônoma. Se tiver superado os níveis agudos de pobreza, ou tiver condições de crescentemente diminuí-la. Se seus cidadãos estiverem ocupados em trabalhos significativos. Se a seguridade social for garantida para aqueles que são demasiadamente jovens, ou idosos, ou doentes, e que não podem ingressar no mercado de trabalho. Se a igualdade social e política, também de gênero, for continuamente buscada. Se a desigualdade econômica for reduzida em níveis aceitáveis.**

**Por fim, uma sociedade é sustentável se seus cidadãos forem socialmente participativos, cultivarem um cuidado consciente para com a conservação e regeneração da natureza, e destarte puderem tornar concreta e continuamente perfectível a democracia socioecológica.**

**Por esses critérios, a maioria dos países do mundo está ainda longe de ser considerada uma sociedade sustentável.**



**Leonardo Boff**  
Filósofo, Teólogo, Escritor.

Foto: Trajano Jardim

## A SIBIPIRUNA EXISTE, DIFERENTE DA ÉTICA E DA DEMOCRACIA BRASILEIRAS

Trajano Jardim

Depois das decisões do Supremo Tribunal Federal antes do recesso da Corte maior do nosso judiciário, que liberou o Aécio Neves e Rodrigo Rocha Loures, e dos comentários da mídia golpista sobre a Greve Geral que paralisou a maior parte da produção no dia 30 de junho, prefiro deixar a política de lado e falar sobre coisas mais amenas, como a natureza, por exemplo.

Não vale a pena falar do parlamento, um bando de achacadores profissionais da política, que não estão nem aí para os movimentos populares, para as greves, nem de um presidente ilegítimo, que acha as denúncias do Procurador Geral da República peças de ficção, mesmo vendo seu comparsa filmado correndo com a "mala da propina".

Prefiro então falar da Sibipiruna. *Caesalpinia peltophoroides* é o seu nome científico, que não faz jus a sua beleza. Prefiro o nome popular, para mim mais singelo: Sibipiruna. Que na língua tupi significa "sucupira preta".

Se você perguntar a uma pessoa que conheça a Sibipiruna quais os seus benefícios para o meio ambiente, rapidamente ela se lembrará da sua sombra e de sua beleza paisagística. Realmente essas características são altamente relevantes especialmente em dias muito quentes, quando se deseja livrar da inclemência do sol.

Pois eu cito mais alguns, além das sombras. Ela colabora com a diminuição de enxurradas e enchentes protegendo rios e nascentes. Absorve o carbono emitido pelos veículos e as demais

atividades humanas predatórias ao meio ambiente – que não são poucas.

Eu prefiro falar da beleza da sibipiruna que, na primavera, a partir de setembro, toma o lugar dos ipês e floresce majestosamente, transbordando de amarelo-forte a paisagem da cidade, cobrindo as calçadas e formando um tapete cor de ouro com suas flores.

Falando cá com os meus botões, perguntei a eles qual a razão da pouca atenção à sibipiruna por parte da mídia. Será que é preconceito por ela ser amarela? Ou será por causa do seu exótico nome científico?

Os ipês, os flamboyants e toda sorte de árvores são cantadas em verso e prosa. Têm concursos de fotografias e outros babados. A sibipiruna não. Para ela "nem tchum".

De todas as sibipirunas de Brasília, a que mais me impressiona é a do Parque Olhos d'Água, onde caminho todos os dias. Em meio a centenas de árvores, lá está ela. Imponente. Copa frondosa. Em setembro seu amarelo será vibrante. E ela estará solitária e linda. Como a querer fazer inveja às suas companheiras de outras espécies que não florescem.

Os especialistas em botânica dizem que a "sibipiruna floresce a partir do final de agosto e prolonga-se até meados de novembro". Chegou fevereiro e elas continuam. Altaneiras e belas. Birrentas e teimosas. Contrariando a ciência. Talvez para mostrar aos especialistas e àqueles que não lhes dão atenção toda a majestática imponência.



**Trajano Jardim**  
Jornalista e Professor  
Universitário



## ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL: MAIS BEM-ESTAR PARA OS ANIMAIS

Cezar Santos



Fotos: Cezar Santos

Todos os dias, inúmeros animais silvestres são vítimas das mais diversas ações humanas: atropelamento, caça, tráfico, maus tratos, queimadas.

A degradação da natureza contribui para a devastação e perda do habitat desses animais que, muitas vezes, são encaminhados aos jardins zoológicos, instituições com um importante papel na conservação das espécies.

Boa parte dos animais resgatados, após os primeiros cuidados, é encaminhada para centros especializados em reabilitação e soltura e, depois de recuperados, esses animais são devolvidos para a natureza. Infelizmente, muitos não têm condições de voltar à vida livre e passam a ser cuidados por instituições autorizadas a realizar o manejo da fauna silvestre.

A manutenção de um animal silvestre por nós humanos requer uma série de técnicas e cuidados para garantir sua dignidade e suas condições adequadas de vida.

Como essa manutenção ocorre em um ambiente diferente do meio natural, recomenda-se a utilização do Enriquecimento Ambiental, prática regularmente utilizada nos bons zoológicos, para promover o bem-estar físico e psicológico dos animais.

Uma equipe técnica, composta por biólogos, veterinários e outros profissionais capacitados para o cuidado da fauna, aplica atividades interativas e dinâmicas que estimulam a expressão de comportamentos naturais de cada espécie. Para isso são confeccionados dispositivos – como jogos

e brinquedos – que incentivam o desafio mental, o exercício físico, a exploração do ambiente, a localização do alimento, o entretenimento, a brincadeira e a socialização.

O Enriquecimento Ambiental é, portanto, um exemplo de como podemos melhorar a qualidade de vida dos animais com poucos recursos financeiros e reaproveitamento de materiais. Ele contribui ainda para minimizar comportamentos estereotipados, evitar o estresse, a apatia e a depressão, que podem ocorrer em ambientes muito monótonos de cativeiro.

Na maioria das vezes, os equipamentos são produzidos com materiais reutilizados e recursos biológicos, como troncos de árvores, cipós, folhas de palmeira, penas, caixa de papelão, garrafas pet. Também são utilizados alimentos da dieta do animal, muitas vezes apresentados de formas diferentes, para estimular o forrageamento e o desafio da obtenção do alimento, como ocorre na natureza.

Para que o Enriquecimento Ambiental seja aplicado de maneira segura, além de um constante monitoramento, é importante possuir um conhecimento prévio do comportamento da espécie e do indivíduo, porque assim se garante uma melhora significativa na saúde e na qualidade de vida dos animais silvestres sob cuidados humanos.



**Cezar Santos**  
Biólogo no Zoo Municipal de Mogi Mirim – São Paulo.

## DICAS PARA ENFRENTAR O INVERNO COM SAÚDE

Daqui do lado de baixo do Equador, o inverno chegou às 13h38 do dia 21 de junho, horário de Brasília. Em entrevista à jornalista Mara Régia, do Programa Natureza Viva, da Rádio Nacional da Amazônia, a escritora Sonia Hirsch, autora de mais de 20 livros sobre saúde e alimentação, saudou a chegada da estação mais fria do ano com dicas e receitas.

Para Sonia, a melhor maneira de enfrentar o frio é se hidratar e se agasalhar: "Se você tem o hábito de beber coisas geladas, isso não é bom no inverno. Porque no inverno a gente deve colocar coisas quentes para dentro. No máximo na temperatura ambiente. O frio do lado de fora vai esfriar o líquido que está dentro do corpo da gente. Afinal, nós somos 50% a 80% água, nós somos líquidos. Então, a gente não pode deixar de se hidratar, porque o corpo precisa distribuir e repor líquidos que a gente perde".

Sonia recomenda a ingestão de água morna e caldos durante o frio. "Água quentinha é maravilhoso, porque a gente tem dentro do corpo uma espécie de caldeira para manter esse calor. Então, uma coisa que já está quentinha reforça esse sistema de aquecimento. E digo mais: água quente para você fazer e deixar numa garrafa térmica e ir bebendo, pode ser um chazinho também, mas os caldos é que são fantásticos para hidratar. Porque além de ter a água que a gente precisa, eles têm nutrientes também e são muito adequados para essa época".

Um dos caldos que Sonia indica é o de vegetais. "Pega os vegetais que estão na geladeira, põe bastante água e deixa ferver uns 40 minutos, coa e utiliza só o caldo. Quando puser para ferver, colocar alho, cebola, gengibre e outros temperinhos como tomilho, que é muito bom para imunidade".

Fonte: [www.ebc.com.br](http://www.ebc.com.br)





# É A MOBILIDADE, ESTÚPIDO!

Antenor Pinheiro

O título acima imita o bordão criado por James Carville (“É a economia, estúpido!”), que na campanha presidencial dos EUA de 1992 redirecionou o debate eleitoral para o que de fato era importante aos norte-americanos naquele momento.

A essência da frase é perfeitamente cabível quando tratamos da qualidade da mobilidade social nas cidades brasileiras. O tema tem sido debatido ao longo dos últimos 20 anos de maneira intensa; a produção acadêmica não cessa a respeito; o terceiro setor se desdobra em intermináveis eventos carregados de moções, resoluções, deliberações..., e há uma extraordinária máquina de produzir leis, nas três esferas de governo, cuja abrangência e qualidade são de fazer inveja a qualquer política pública exitosa adotada por países europeus, não obstante a baixa efetividade na sua gestão.

No entanto, de concreto mesmo no Brasil, temos dois institutos legais que se entrecruzam permanentemente, mas batem ca-

beção quando a questão enseja iniciativas articuladas: o Código de Trânsito Brasileiro/CTB, vigente desde 1998, e a Política Nacional de Mobilidade Urbana/PNMU, mais recente, de 2012.

O que ambas têm em comum? Amobabilidade social como objeto-fim. E o que pega na qualidade do serviço? A desarticulação entre a gestão de ambos, que além de tudo conflita, em boa proporção, com as políticas de uso e ocupação do solo das cidades preceituadas nos Planos Diretores das cidades.

Já passa da hora de rever a ingenuidade de tratar essa questão de forma isolada, como se trânsito e mobilidade fossem duas grandezas distintas. Especialmente no momento em que a elas se agrega um novo marco regulatório: o Estatuto da Metrópole que chega em 2015 com o gás todo pedindo Planos de Desenvolvimento Urbano Integrados para as dezenas de Regiões Metropolitanas brasileiras.

Com mais este conjunto de diretrizes e

formalidades, estabelece-se novo “samba-do-crioulo-doido” carregado de boas intenções, mas que aponta para a inauguração de insuperáveis interesses envolvendo políticas regionais e as autônomas políticas locais de mobilidade urbana, dentre outras de interesse comum.

O problema é a mobilidade, estúpido!, diriam os mais pragmáticos, como este escrevinhador.

Há tempo, contudo, para corrigir rumos e redirecionar a legislação, a começar da indispensável fusão dos postulados que tratam deste problema comum a todos os municípios conurbados e projetar para somente um ambiente, o metropolitano, a gestão de suas políticas públicas de mobilidade.

Trânsito, transporte, acessibilidade e uso do solo são temas convergentes comuns que designam um conjunto articulado e não podem ser tratados de forma isolada como se a cada município pertencesse de forma desconectada dos demais. Se não no ambiente metropolitano, o mesmo raciocínio caberia na escala municipal não conurbada, posto que aqui também essas dinâmicas urbanas são igualmente convergentes.

O que não é possível é manter o atual desenho institucional que trata da mobilidade social das cidades, onde dezenas de órgãos coexistem com atribuições complementares ou semelhantes ou simplesmente sobrepostas. Além da enorme e dispendiosa burocracia

que se cria é fato o choque de interesses ocorrido em razão de diferentes conceitos percebidos e adotados por seus tecnocratas igualmente distribuídos nestes diferentes órgãos de distintos municípios.

O acúmulo de problemas colacionados nas atuais e enormes estruturas administrativas municipais ou metropolitanas requer dos legisladores o esforço de reter a estéril difusão de leis ora experimentadas que resultam em pouca efetividade.

Faz-se necessário construir um somente marco regulatório cabível nos dois ambientes possíveis, o metropolitano e o municipal. Seja em razão da multiplicidade atual de leis convergentes pecar por excesso de cláusulas que se sobrepõem umas às outras, seja pelo fato destas se distribuírem em jurisdições autônomas distintas.

Na contramão da racionalidade, o Brasil, por seus legisladores e gestores públicos, continua a dar exemplos exóticos no enfrentamento de seus problemas de trânsito, transporte, acessibilidade e uso do solo ao insistir em tratá-los de forma fragmentada e diluída, na legislação e na gestão, como se distintos fossem diante da única, comum e fundamental questão: a mobilidade social.

Eis, o que importa e reclama o tema!



**Antenor Pinheiro**

Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP



# EU SOU JOÃO ROBERTO



Normalmente os pais colocam os próprios nomes nos primeiros filhos.

Com meu pai foi diferente:

Ele esperou o último filho, o caçula, a rapa do tacho para prestar esta auto-homenagem.

Com meu pai aprendi a ter coragem de enfrentar as palavras.

- Kombida!

Pai, essa palavra não existe.

-Claro que existe, eu acabei de falar.

Foi com essa simplicidade que cheguei à licença poética, conheci Manoel de Barros e aprendi a escrever versos tortos que cambaleiam sobre linhas retas.

Meu nome é João Roberto, mesmo nome do meu pai, hoje também sou pai.

Joãozinho Da Vila Planalto em *Meu Masculino e Feminino*, 2014.

Joãozinho da Vila Planalto, nascido João Roberto Costa Júnior na cidade mineira de Unai, poeta, agitador cultural, criador de marchinhas, ritmista da Acadêmicos da Asa Norte, um dos fundadores Bloco de Rua da Vila, na Vila Planalto, e também do Pacotão, tradicional bloco de rua do carnaval candango, encantou-se em 3 de julho de 2017, vítima de um acidente de moto, aos 57 anos. Bem ao modo de Joãozinho, seu funeral transformou-se em um belo sarau no Museu da República, em Brasília.



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **110,00**  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **199,00**

24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA DIGITAL**

**ANUAL**

R\$ **55,00**  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **99,00**

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA  
(DO MÊS DA ASSINATURA)

**ASSINE JÁ!**

**WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**



# GREVE GERAL

## BANCÁRIOS FECHAM AGÊNCIAS E PROTESTAM CONTRA ROUBOS DE DIREITOS

**D**iante das investidas do governo ilegítimo de Michel Temer que retiram direitos previdenciários e trabalhistas do povo brasileiro, bancários e bancárias de Brasília se juntaram a diversas categorias e fortaleceram as trincheiras de resistência da classe trabalhadora durante a Greve Geral do dia 30 de junho.

As atividades dos bancários aconteceram nas sedes dos bancos públicos e nas superintendências regionais de bancos privados, além das agências e demais postos de trabalho da capital federal, que não abriram para atendimento. Diretores do Sindicato e dirigentes sindicais dialogaram com os trabalhadores, esclarecendo as nefastas medidas que tramitam no Congresso Nacional.